

Gravação: tdm60_o_riso

Duração: [01:46:21]

Legenda	Descrição
(- comentário aqui)	Comentários do transcritor, exemplo (- risos)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Não identificado
Orador B	Gustavo Reinecken
Orador C	André Thieme
Orador D	Hugo Leonardo
Oradora E	Ana Flávia Garcia
Oradora F	Não identificado

Início da Transcrição [00:00:01]

Orador A: Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

(- música)

Orador B: Olá, gurizada. Sejam todos bem-vindos ao Trabalho de Mesa, eu sou o Reinecken e este é o episódio número sessenta. Estamos aí nossa... mais uma vez falando sobre esse assunto, esse assunto toda vez que dá, a gente soca ele, né? Eu sempre brinco que falar de piada, palhaço e dinheiro é... são as coisas que a gente mais faz aqui na... no TdM, né?

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo
 Rio de Janeiro – RJ, CEP 22270-000
 CNPJ: 23.923.180/0001-89
 contato@transcritoja.com
 21 3942-6699

Desde o início. Mas estamos aí, ano novo, tudo começando. Eu não sei exatamente como falar, porque eu não sei exatamente quando eu tô gravando isso e nem sei quando exatamente você vai ouvir, então, tanto faz a nossa data, o nosso te... o nosso período, o nosso tempo. Estamos aqui hoje para falar sobre o riso e estamos para essa conversa com um super, ultra convidado especial que eu vou apresentar logo de primeira, porque é um convidado maravilhoso, que já veio várias vezes aqui, na verdade, ele é dono da casa, né? Tipo, ele é o chefe e a gente finge que ele convidado, mas, na verdade, ele é o dono, ele vem quando ele quer. Se ele fala: “Amanhã eu tô aí”, a gente só tem que abrir a... o microfone e abrir a porta. Que (- risos)... que veio lá, né, de cima da nossa garagem, que fica em cima, porque a gente mora embaixo da garagem, né? O nosso *basement* aqui do Trabalho de Mesa (- risos). Estamos aqui com ele, o nosso querido psicólogo André Thieme, Thieme, Thieme.

Orador C: (- riso).

Orador B: Que é uma pronúncia mais-mais bonita, Thieme.

(- risos)

Orador C: Olá, pessoal. Essa introdução eu vou começar a cobrar e aparecer várias vezes, porque eu adoro tá aqui no Trabalho de Mesa.

(- risos)

Orador C: E é sempre uma honra quando conversam assim comigo e dizem: “Ah a gente queria falar de tal coisa que tem remotamente a ver com Psicologia”.

(- risos)

Orador B: Ó, tá vendo?

Orador C: Aí eu venho (- risos).

Orador B: Tá vendo? A produção escutou e já anotou aqui e já falou: “Ih, vou ter que chamar mais vezes e tal”. Vamos chamar ele aqui para falar sobre tudo, né? Faxina, tudo. Porque, às vezes, é isso, né? O-o... a pessoa só conhece um assunto porque as pessoas só chamam para aquele assunto, mas, na verdade, a pessoa sempre sabe demais. Já viu a pessoa que só-que só

chamam para falar de uma coisa, porque ela entende daquilo, mas, às vezes, você quer chamar ela para falar de outra coisa, galera. Chama para falar de outra coisa.

(- risos)

Orador B: Então é isso. E também estamos aqui com ele, o nosso querido vídeo vertical para quem tá vendo e para quem não tá vendo e só ouvindo, né, na-na internet dois, ponto, zero, do podcast dois, ponto, zero, um dia vai ter imagem, quem sabe no futuro a gente resgata a imagem, nunca se sabe. Estamos aqui com ele, Hugo Leonardo.

Orador D: Oie, galera. Cara, eu tava aqui pensando podosfera e eu acho que, eu não sei, porque... eu vou até confirmar, eu acho que eu estive presente em todas as gravações com o André, eu tô me sentindo assim... é...

(- risos)

Orador D: ... privilegiado.

Orador B: É verdade.

Orador D: Né? Aquele que tá querendo ter... fazer uma ponte com o chefito.

(- risos)

Orador D: Então é isso, vamos falar de alguma coisa que remotamente a gente pode associar à Psicologia.

(- risos)

Orador B: Então toda vez que o chefe vem, o-o-o Hugo tem que vir também. É verdade, gente, eu não tinha-eu não tinha me dado (inint) [00:03:00], são essas coincidências do cé... do nosso cérebro, né? Isso é a nossa psique funcionando.

(- risos)

Orador B: O bom é quando o André tá aqui a gente pode fazer todas as piadas de psicólogo que a gente-que a gente conhece.

(- risos)

Orador B: Porque, antes, a gente fala, mas, na verdade, não é a piada, né? Então vamos lá (- risos). E também estamos aqui com ela, né, a nossa razão ambulante, a nossa razão em pessoa, a nossa razão materializada e a nossa piadista profissional, né? Porque... é... se a gente vai falar de humor e riso, a gente tem que ter uma pessoa que é gabaritada para tal (- risos), não vai dar para ser só o que eu acho aqui, a gente tem que ter alguém para dar, né, um... o nosso peso, o nosso argumento. Ana Flávia Garcia, maravilhosa.

Oradora E: Olá, podosfera. Maravilhoso. ãhn... eu achei que você ia anunciar o Guilherme Pepino, cara.

(- risos)

Oradora E: Você falou piadista profissional.

(- risos)

Oradora E: E quase que eu-e quase que eu achei que não era eu.

(- risos)

Oradora E: Mas você tava falando que o programa era o sessenta, né amigo? O programa sessenta?

Orador B: Acho que é.

Oradora E: Então eu vou fazer aquela piadinha tipo do tipo do pavê.

Orador B: (Ah bom, claro que é piada) [00:03:57].

Oradora E: Esse é o programa sessenta, que é para você, ouvinte, você senta e ouve, tá?

(- risos)

Oradora E: Né? Um beijo. Essa... tá? Esse tipo de piada profissional, né? Nossa Senhora.

Orador D: Não-não tu encarnou o Guilherme Pepino agora.

Oradora E: Foi, foi. Eu chamei, eu senti ele chegando...

(- risos)

Oradora E: ... eu senti, o Gui tá chegando.

Orador D: Foi isso.

Oradora E: O Pepino chegando, o Pepino (inint) [00:04:15].

Orador D: Porque... ãhn... eu e a Ana Flávia, a gente tava refletindo e Ana, um dia desses, falou assim e aí eu tive que transmitir, eu fui o transmissor da fala para o Pepino, né? Falando: “Caraca, Pepino, tu é aquela cara compromissado com a piada ruim, né? Tu olha no espelho e fala: ‘Cadê aquele garoto corajoso? Que vai... né? Vai manifestar aquela piada ruim sou eu, né? Hoje... de hoje não escapa’”.

(- risos)

Orador D: É isso mesmo, garoto Pepino, né? Eu tenho orgulho é de você assim, né? Muito compromissado. E ele ainda repete, né? Que ele-ela acha que...

Oradora E: Repete.

Orador D: ... acha que se você não riu é porque você não entendeu.

Oradora E: É uma testagem assim.

(- risos)

Orador D: Então ele explica. Então eu achei assim muito legítima, essa encarnação... é... representa bastante (- sobreposição de vozes) [00:04:57].

Orador B: Para quem não conhece, né? Obviamente muita gente que tá nos ouvindo, talvez, não saiba o quê que é o Guilherme Pepino. É o nome de uma pessoa, na verdade, Pepino é o nome de um palhaço, de um artista chamado Guilherme, que é um amigo nosso. E ele é-ela é realmente aquele... sabe aquele tiozão do churrasco que fala, o tio do pavê? Ele é esse cara, só que ele é um palhaço profissional, de verdade. É-é o somatório (- risos) das coisas.

(- risos)

Oradora E: Porque a alegria dele em fazer a piada ruim, ele é tão comprometido que ele contagia as pessoas.

Orador B: É verdade.

Oradora E: As que não ficam aborrecidas ficam simpáticas com ele.

Orador B: Mas a piada ruim tem um compromisso também com a sociedade, né? As-as pessoas, elas...

Oradora E: Sim.

Orador B: ... meio que se sentem compromissadas também a rir. Então, às vezes, a pessoa faz a piada ruim, porque ela sabe que, de alguma forma, aquela piada do pavê vai fazer, pelo menos, um risinho (- riso): “Eu não acredito que você teve coragem de fazer isso” (- risos).

Oradora E: Pelo menos o si... o risinho simpático, deflagrando...

Orador B: É.

Oradora E: ... a nossa falência social, né?

(- risos)

Oradora E: Maravilhoso.

(- risos)

Orador D: Total, cara. Eu perdi... essa é uma habilidade de riso que eu perdi.

Orador B: É?

Orador D: Essa coisa do homem cordial com o riso.

Oradora E: O risinho para não perder a amizade é puxado, né, gente?

Orador D: Nossa. Até... eu perco a amizade.

Oradora E: Nossa, eu também.

(- risos)

Orador D: Não tem risinho.

(- riso)

Orador D: Não tem risinho (- riso).

Orador B: Você... é... então deixa eu te perguntar, você não tá mais trabalhando com o Guilherme Pepino há muito tempo já, né?

Orador D: Então por isso.

(- risos)

Oradora E: (Entendeu?) [00:06:13].

(- risos)

Orador D: Mentira. É... brincadeira, eu amo o Pepino, eu queria explicar isso. É...

Orador B: (inint) [00:06:20].

Orador D: Amo. E...

Oradora E: Ele é representante de uma linhagem.

Orador D: ... mas eu acho que é um estilo de humor. A gente não vai falar sobre isso, inclusive? É um estilo de humor, né?

Orador B: É.

Orador C: Uhum.

Oradora E: É. Humor ruim.

Orador D: Que ele aprendeu com o pai, que se passa de geração para geração.

(- risos)

Orador D: É uma coisa que ainda tá na era da oralidade. É isso. Pepino, te amo.

(- risos)

Oradora E: Te amo também, Gui. Um beijo.

Orador B: Então é isso, gurizada. Como vocês perceberam, a gente vai falar sobre humor. E não sei se é a primeira vez que a gente fala oficialmente sobre comédia, sobre riso, sobre humor, sobre comicidade, seja lá como é o nome que a gente vai dar para isso. Porque é isso, a gente estabelece uma pauta, a gente estabelece um tema, a gente estuda sobre ele e, depois, no meio da gravação a gente meio que decide o nome do episódio, porque é um (*plot*) [00:06:58], né, na verdade (- riso). E geralmente os nomes, a gente pensa muito também com você, público, né? Tipo o que-o que faria você clicar melhor, né? Tipo, descubra, né? “A-a Adriana Vendramini riu da minha cara, clique para saber mais”. Eu falei Adriana Vendramini, mas eu não sei se existe uma pessoa chamada Adriana Vendramini, existe?

Oradora E: Confundi, é a Luciana.

(- risos)

Orador D: Luciana.

Orador B: Tipo, eu inventei um nome.

Oradora E: Mas a Adriana deve ter uma prima qualquer também.

Orador B: Entendi.

Orador D: É. Certeza.

Oradora E: Mas tem alguém.

Orador C: Deve chamar, né?

Orador B: Eu inventei um nome aqui...

(- risos)

Orador B: ... tipo, dois nomes que eu achei meio aqui na minha cabeça, a minha memória, Adriana e Vendramini, juntei e deu. Enfim...

(- risos)

Orador B: ... mas deve ter uma pessoa chamada Adriana Vendramini, não é possível.

Orador D: Claro que tem, gente.

(- risos)

Orador D: Adriana, se você...

Oradora E: Eu vou dar um Google.

Orador D: ... estiver...

Oradora E: Espera.

(- risos)

Orador D: ... nos escutando agora, você coloca uma paçoca na boca e fala: “(inint) [00:07:44]”. Mentira, Adriana.

(- risos)

Orador B: Bom, enfim, a nossa ideia era falar sobre humor, sobre comicidade, mas muito especificamente sobre o riso, sobre a capacidade de rir. Então a gente teve umas polêmicas na hora de discutir esse-esse episódio, um era que a gente, nas nossas reuniões, porque nós somos assim nas reuniões, as nossas reuniões são muito sérias, então, a gente termina super catedrático: “Vai ser sobre isso, vai ser sobre aquilo, a gente não pode fazer isso e não pode aquilo outro”. E eu fico sempre pensando: “Cara, será que vai ser horrível um programa sobre humor, que a gente vai ficar só determinando o que é o riso, o quê que é humor, onde é que tá não sei o quê”. Daí a gente trouxe o André para dar-para dar uma aliviada na ideia e para também não deixar a gente falar muita bobagem, porque a gente...

Oradora E: é.

Orador B: ... tá afim de falar bobagem, mas ele vem nos ajudar (- risos). Ele vem...

Oradora E: Eu queria que as pessoas pudessem ver...

Orador C: Vamos ver, né?

Oradora E: ... a cara do André nesse momento, gente.

(- risos).

Oradora E: Eu vou fazer uma narração rápida, nesse momento, o André juntou as mãos no rosto assim, ó, e fazendo uma negativa um pouco perdido assim, tipo: “Não, gente, não”.

(- risos)

Oradora E: “Eu não tô nem sabendo o que eu tô fazendo aqui”.

(- risos)

Oradora E: Meio assim, ó.

(- risos)

Orador B: É.

Oradora E: Meio confuso, mas foi ótimo o gesto.

(- risos)

Orador B: Mas é o seguinte, o-o humor, ele vem para des... a gente vem com esse programa para discutir humor, porque a gente já passou pelo palhaço, pela comicidade, pela história do teatro, enfim, se tu pegar aí os nossos episódios anteriores e for dar uma procurada nesse tema, e a gente vai tentar deixar linkado no link do nosso episódio, todos os episódios vinculados a esse tema. Então é claro, óbvio, que a gente precisa avisar pro-pro nosso ouvinte que a gente obviamente não vai abarcar tudo o que tem que abarcar, porque não dá, não dá tempo, não tem-não tem nem como fazer isso, é impossível. A gente vai tentar levantar

questões, é-é mais perguntar coisas...

Orador D: É. E a gente pode trazer conceitos, né, que...

Orador B: É.

Orador D: ... sirvam de aporte para-para essa fala.

Orador B: Isso.

Orador D: Mas não é esse compromisso.

Orador B: E uma sabatina do André, que é o que a gente, na verdade, quer fazer no fim das contas, é botar ele na parede e ver se ele sabe (inint) [00:09:36].

Orador D: André é engraçado ele falar isso, porque na reunião, ele disse: “Olha, gente, não vamos sabatar o André”.

(- risos)

Orador D: Aí agora ele vem e solta essa.

(- risos)

Orador B: Eu não falei isso não, é mentira sua.

Orador D: (- sobreposição de vozes) [00:09:47] sentindo assim (inint) [00:09:49], eu falei: “Gente, mas o André, aquela calma”. E eu queria dizer que assim... ãhn... o fato de eu ter gravado todas as vezes que o André esteve, é a primeira vez que eu tô vendo a carinha do André.

Orador B: Ah tá.

Orador D: E ela é tão tranquila, quanto a fala dele.

(- risos)

Orador D: Coisa rica. Eu sempre quis ter um chaveiro teu.

(- risos)

Orador B: Aqui no TdM, André, a gente tem... eu vou falar com o chefito agora, a gente uma-uma vaquinha que a gente tá juntando, já tem uns dois anos que a gente junta dinheiro que é para poder pagar um milhão de dólares para você gravar trinta mil livros para a gente ouvir dormindo. Então...

(- risos)

Orador B: ... a gente tá juntando esse dinheiro.

(- risos)

Orador C: Olha existem planos no Dragões.

(- risos)

Oradora E: Que bom.

Orador B: É. A gente tá querendo fazer antes, que é para a gente ser exclusivo, por isso que é por isso que é muito dinheiro.

(- risos)

Orador C: Entendi.

Orador B: Bom, gurizada, mas vamos lá que tá uma bagunça isso (- risos), hoje vai ser bem zoadado.

(- risos)

Orador B: Então é o seguinte, antes de tudo, antes da gente, de fato, entrar na pauta, eu preciso chamar o nosso recadinho da nossa querida bilheteria.

(- música)

Oradora F: O Trabalho de Mesa tem o orgulho de ser apoiado pelo podcast Dragões de Garagem. Acessando dragoesdegaragem.com, você encontrará textos, vídeos e discussões

sobre as áreas científicas e as “cientirinhas”, uma co-criação dos Dragões de Garagem com o cartunista Marco Mellen, além dos podcasts da casa. Acesse dragoesdecaragem.com e conheça esse maravilhoso portal de divulgação científica.

(- música)

Oradora F: Quer entrar em contato com o TdM? bilheteria@trabalhodemesa.com. Anúncios, serviços, comentários, críticas e sugestões de temas entre em contato pelo: bilheteria@trabalhodemesa.com. E não se esqueça de nossas redes sociais: @trabalhodemesa no Instagram e no Facebook.

(- música)

Oradora F: E se você quiser conhecer os bastidores de um dos únicos podcasts sobre teatro na internet confira nossas vides, nossos vlogs e as temporadas anteriores no YouTube, Trabalho de Mesa. O Trabalho de Mesa é uma criação da Ética, equipe teatral com fins artísticos.

(- música)

Orador B: Uma coisa que eu acho muito legal que eu queria trazer logo de cara sobre a gente, sobre o tema, né? Sobre o que a gente veio discutir e cabe diretamente com a nossa questão cênica, teatral, artística da comicidade, eu tava procurando uma lista de, tipo, cinquenta melhores atuações, cinquenta melhores performances que ganharam o Oscar nos últimos vinte e sete anos. E-e eu achei uma lista de, tipo, vinte e sete anos de Oscar, vinte e sete anos de melhor Oscar para atuações e nenhum deles é comicidade, nenhum deles é sobre... é... personagem de comédia, nenhum, cem por cento são... é... coisas muito dramáticas, pesadas, sérias, por assim dizer, entre aspas. E mais, quase todos os... as cenas usadas no palco do Oscar, ou seja, tipo, para demonstrar quais são as performances melhores são cenas de choro, quase todas elas são cenas de-de-de profunda entrega emocional, o choro, principalmente choro, quer dizer, tá saindo lágrima, tá saído um (- choro), a fala muito gritada e tal. Tipo, isso é um foco maior até na mulher, tipo, quando é mulher performando nesse... nessa área tende a ser mais ainda do que homem. Mas também e-e se você for ver boa parte dos melhores atores... ähn... homens que ganharam nesses últimos tempos, a performance era visceral, era uma parada assim. E isso tem a ver com a nossa conversa de um-de um episódio passado já, algum episódio que eu não lembro qual o número, que a gente discutiu sobre essa

questão dessa estética da seriedade, do realismo, que a gente tem em relação à linguagem cinematográfica e a linguagem atuativa, digamos assim, tipo, como que a atuação tá presa na ideia de que o realismo da realidade, da representação do natural, do... da dor, ela virou uma estética tão estabelecida que a gente tem dificuldade de ver uma coisa alegórica, cômica, abstrata, tipo, um Pica Pau da vida com uma boa performance, né? Com atuações que são vinculadas, aquela coisa meio Tom & Jerry de *nonsense*, meio abstrato. E a gente não tende a entender aquilo como uma boa atuação, como a gente discutiu, eu acho que foi a Ana Flávia que trouxe no-no episódio sobre a atuação não é carisma que, tipo, se você vê um bonequeiro brincando a gente também tende a não achar que aquilo é uma boa atuação, a gente tende a-a estabelecer uma boa atuação quando é (víscera) [00:14:55] da pessoa chorando e não sei o quê. Então esse é um ponto que eu queria levantar. Por quê?

Orador D: Amigo, mas essa tua lista, só para eu entender aqui, é só de melhor ator ou ator e atriz coadjuvante?

Orador B: Ator.

Orador D: Porque me veio, por exemplo, um prêmio de atriz coadjuvante...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... cômico, para a Whoopi Goldberg, um dos.

Orador B: Mas foi em que ano?

Orador D: O filme não era cômico, mas o papel dela...

Orador B: Sim.

Orador D: ... e a abordagem era. E eu me lembro que a cena que eles passaram no dia da premiação é uma cena que ela tem que entregar os milhões num cheque...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... e a outra pessoa tá puxando e ela não quer largar. E é uma cena cômica, por isso que eu fiquei com...

Orador C: Sim.

Orador D: ... com essa dúvida. Claro que é raro, né?

Orador B: Uhum.

Orador D: ãhn... consigo entender total. Mas é porque eu falei: “Putz, essa lista ainda deve tá mais voltada ainda pro papel principal, mais do que pros papéis... é... coadjuvantes”.

Orador B: É. É uma lista feita pelo (inint) [00:15:48] cinema, que é um... tipo um site de cinematografias e tal. Ele levanta uma lista de mil, novecentos e noventa e três até dois mil e nove, ou seja, são vinte e sete anos de premiação de melhor atriz e todas elas são... atriz, né? Tipo, melhor atriz e não melhor... ãhn... e não de papel coadjuvante, digamos assim, né? Mas-mas, enfim, é uma questão. Outra questão em cima disso é que-que eu também trago como questões pessoais sobre como a gente representa o riso nas cênicas, como que as artes cênicas... ãhn... sistematizou o riso para uma determina forma e o que o riso representa na nossa sociedade para que a gente chegue nesse lugar da não seriedade. Olha só que coisa engraçada, quando você tá ouvindo uma pessoa na rua chorando, a sua reação é diferente de quando você tá vendo uma... a mesma pessoa se fosse rindo. Você tá andando na rua, você tá em... sei lá, em casa, você tá ouvindo os vizinhos chorarem, tipo, você vê uma pessoa chorando, a nossa tendência, eu não sei vocês, mas a minha tendência é-é que aquilo deixe de existir, você quer eliminar aquilo, sabe? Tipo, você quer ir lá saber o quê que aconteceu, você quer evitar que aquilo aconteça assim, de alguma forma, você quer que aquilo acabe, né? Porque aquilo te incomoda, incomoda ficar vendo o sofrimento. O riso é o contrário, você quer participar, né? Você quer saber o quê que é. E quanto mais, melhor, você quer que-que aconteça. E, tipo, isso é uma... me parece que isso é uma parada natural, (inint) [00:17:05] eu vou arriscar aqui, com o André no programa, eu vou arriscar a falar que, talvez, isso seja biologia-biologia, isso é biologia.

(- risos)

Orador B: Tipo, isso-isso parece ser uma parada natural nossa. Pode ser cultural, sei lá, mas-mas parece que é uma coisa que não é ensinada... é... como matemática, como-como...

Orador C: Uhum.

Orador B: ... ler, né? Tipo, você não pega lá e fala: “Ah se você encontrar um riso, então...”. Não. É uma parada que é uma sensação, você vê uma pessoa chorando, a tendência é você chegar lá e falar: “O quê que foi? Porquê que você chorando? Não-não chora”. E o riso você não faz isso. Só que o riso, nas representações, ele não tem esse mesmo caráter de mega celebração... é... em termos dessas premiações. Se a gente usar isso como referência, tipo, quando a gente fala uma boa atuação, uma atriz muito violenta, muito boa, sabe? Tipo, a melhor atriz, ela vai ser falada pelas performances das tristezas, eu acho, não sei. E aí me-me bateu essa coisa assim, tipo, que engraçado, né? A gente trata o riso de uma forma X na sociedade, de uma forma X dois ou X... Y, não-não oposta, mas diferente quando se trata do riso nas representações cênicas. E, claro, a gente sabe que o riso, ao longo da história, sempre foi uma manobra política, sempre foi. E também... e aí eu queria encerrar a minha introdução aqui falando que todas as vezes que qualquer estudante de teatro ou de artes cênicas for passar por qualquer que seja o tipo de curso, a professora ou o professor vai te dizer isso, o riso é uma parada intelectual, inteligente, política, de críticas, de-de... o riso, ele tem isso e não é o riso em si, tipo, a comicidade no caso, né? Mas vamos tentar (inint) [00:18:39] aqui, tipo, a comicidade, ela sempre foi uma atitude política, uma atitude de bandeira, uma atitude de reafirmação mesmo, né? Tipo, é claro, é lógico que a tragédia também, é lógico que a arte cênica, enfim, a gente não vai ficar naquela coisa, tipo: “Ah não. Mas tudo é política, lá, lá, lá”. Às vezes, a gente perde tempo, né, nessas nomenclaturas demais, porque a gente fica querendo falar da palavra, que é a palavra que representa a coisa, mas vamos tentar meio que passar por cima. É claro, a comédia sempre teve esse caráter politizado mais forte, tanto é que sempre foi a mais perseguida também ao longo do... da história. Então por isso a gente chegou à conclusão que seria legal a gente começar um assunto... é... ou um episódio, né? Tipo, iniciar essa conversa, essa coisa gigantesca que é o riso, o riso como coisa, né? Tipo, nós artistas, o que fazemos com esse negócio? É sinônimo de sucesso? E a última pergunta, para eu passar a palavra, ao final do episódio, eu queria entender se riso, se a plateia ri, é sinônimo de sucesso, André? Eu queria saber. Se eu soubesse disso, aí eu vou desligar (inint) [00:19:44].

(- risos)

Oradora E: Eu vou pegar aqui a palavra rapidinho, primeiro, porque falado sobre atriz e só tem eu de mulher aqui, eu faço questão de falar nessa hora.

Orador B: Manda bala.

Oradora E: É... acho que a questão da-das mulheres não serem premiadas em humor tem a ver com o humor, mas tem a ver também com uma idealização e uma naturalização da condição da mulher sofredora, isso é um aspecto social que-que-que esgarça um pouco mais a perspectiva do riso. Tem esse fator que...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... eu até já tinha trazido também no nosso Trabalho de Mesa, que eu tenho uma trajetória gigantesca como palhaça, mas eu recebi prêmio num espetáculo em que todo o drama... é... transborda.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Foi aonde eu começo a ser premiada e reconhecida...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... em atuação, sendo que eu já tinha todo o meu trabalho alicerçado e tarará, mas o humor realmente não é uma... um viés em que costumam valorizar as mulheres. Porque tem a ver com desajustes também, aí se a gente vai falar sobre desajuste, em cima da mulher, a questão do desajuste ainda é mais... olhada com mais... é... problematização assim, até porque é construído de que a gente não é muito para ser desajustada, né? É para a gente ser ajustada. Então também tem... é... esses aspectos, né? E aí... é... eu só-eu só queria fazer essa colaboração com essa parte e a questão do humor que você trouxe também, do aspecto... é... mais politizado, mais de um professor que vai falar sobre cômico, né? Eu acho que a manipulação para que se chegue à passa, então, por estratégias que vão, sim, ser... é... é... aprofundadas e, talvez, seja muito até por esse primeiro momento do que-do que você traz, né? O quanto a gente se condói e se compromete imediatamente, intelectualmente e emocionalmente com o choro e com o sofrimento.

Orador B: Uhum.

Oradora E: E o riso, ele também traz essa-essa perspectiva igualmente potente de a gente se comprometer fisicamente.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Quando a gente tá vendo alguém em alguma coisa muito divertida, a gente-a gente também acaba... né? Ele tem esse aspecto contagiante. Mas como ele não tem necessari... ele-ele não-não passa tão no espontâneo, uma pessoa rindo na rua você não vai querer necessariamente saber o quê que aconteceu ou: “Para com essa risadaria aí na rua. O quê que tá acontecendo com você? Porquê que você tá assim?”. Você vai, no máximo, dar uma-uma risada também junto com ela e sair meio sem-sem entender...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... mas achando bom.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Então eu acho que tem nesse-nesse *delayzinho* aí sobre o quanto a gente se compromete ou não, né, como pessoa, como humanos, em-em relação ao que é... ao que seria essa representação do trágico que seria a dor e o-o choro, o sofrimento e a representação do cômico que seria o riso, né, e tal.

Orador B: Uhum.

(- músico)

Orador C: Partindo dessa ideia que o Reinecken colocou e que a Ana Flávia também comentou agora, sobre essa relação da... do quanto que a gente se relaciona com a-a emoção do outro, né? Com o choro e com o riso. E a gente vai ter... inclusive, um dos pesquisadores aí que defendia que a emoção tem esse papel comunicativo e ele tem também... é... uma característica biológica inata, né? Como o Reinecken colocou. É... hoje a gente tem várias discussões nesse sentido sobre emoção e se realmente é tão inato e... mas o que a gente tem assim de um pouco mais de padronização do quê que é comentado sobre isso é que existe, sim, uma certa relação, uma pré-disposição inata para tanta apresentação de certos tipos de emoções, que tão associadas à-às expressões faciais, enfim, várias coisas e é um... tem uma minúcia muito grande ne-nesse estudo. Mas que ele tem, sim, bastante influência de aprendizagem também, né? Então a gente... né? E diferentes relações, inclusive, com

contexto, né? Então a gente também tem um outro elemento que é bastante importante quando a gente tá falando de emoções, porque... (- riso) e aí quando você tava falando da... de atrizes serem reconhecidas pelo choro e-e tem essa relação, me le... e até o Oscar, né? Me lembrou muito daquele meme do você... ah você é ator? Então chora aí para eu ver, né?

(- risos)

Orador C: E-e é aquela coisa do... de chorar sem contexto ou de rir sem contexto, é uma coisa que soa falso também, inclusive, né? Para a gente.

Orador B: Uhum.

Orador C: E justamente não faz esse processo aí de fruição, né? Que-que a gente comenta assim, que você comenta principalmente, né, na relação da atuação, mas que... é... a gente entende que não é só a expressão do ator que faz a situação, né? Que cria a emoção. Mas tem toda uma construção da história, da narrativa, de tudo aquilo que tá, né, nesse contexto que constrói aquela emoção e é isso que faz a diferença, né, no ponto de vista de se eu me emociono junto ou se eu rio junto ou se... é... a-aquilo que eu tô sentindo ou vendo, enfim. É... e aí há essas relações, sim, de como é que a gente se comporta em relação ao outro quando ele está rindo e quando que ele está chorando, né? E eu achei bem interessante quando o Reineken falou as experiências pessoais dele nesse sentido, porque... é... tem, sim, uma relação, né, no sentido de que-que quando a gente vê o outro chorando e principalmente quando é um outro que é próximo, eu tenho empatia, né? É uma pessoa mais do meu círculo e... ãhn... né? Que eu-que eu goste, de fato, eu vou buscar contribuir ou ajudar para que aquela se-aquela sensação, aquela emoção, aquela... aquele display emocional, né, ele cesse.

Orador B: Uhum.

Orador C: Enquanto quando a gente tá falando de alegria, e aí, de novo, também, né, de pessoas que são próximas, que eu gosto, que cu... que fazem parte de mim, eu quero participar. E aí vai entrar em outras questões da (- riso)... do riso, né? Que socialmente, ele é bastante complexo, porque têm diferentes situações de riso, têm diferentes emoções que estão associadas ao riso, né? Então tem, claro, essa do-do sucesso, da alegria, né? De eu querer compartilhar uma coisa boa que aconteceu comigo, mas têm outras situações também, né? Do

escárnio, do deboche, né? Que daí ele já vai em outro sentido que é o... em oposição àquela posição.

Orador B: Uhum.

Orador C: Né? E quando... né? O riso de-de quando você vê alguém, né, tropeçando e caindo na rua e caindo de cara na rua é diferente de um riso que você tem de quando a pessoa tá passando por uma situação de felicidade e alegria que você vai participar.

Orador B: É. Uma coisa legal assim, eu dei uma estudada, uma pesquisada, achei um monte de coisa curiosa. Enfim, já é uma parada que eu discuto e-e questiono e levanto já há bastante tempo, né? É... um é a atuação em si, tipo, o que é que é a atuação? Tanto é que, tipo, eu sou o diretor desse projeto, né? E se você for ver o Trabalho de Mesa, a gente tem uma sequência enorme de episódios só sobre atuação. Porque é um tema que, para mim, é muito legal discutir assim, tipo, como ator, a gente pensar o que é que faz esse ponto, né, de-de agora eu tô atuando. E-e o riso é tipo um *plus* a mais disso, porque além da atuação, eu tô atuando de uma maneira específica, formatando uma determinada estética ou formatando uma determinada coisa dentro de um contexto que cause algo que é natural da espécie e que, talvez, seja uma coisa que nos evoluiu, tipo, a comunicação, né? Tipo, aí eu achei várias pesquisas e tal de artigos, a maioria deles tá em inglês infelizmente, mas eu vou deixar linkado para todo mundo... é... e alguns artigos diretos mesmo das revistas científicas. E aí dá para, pelo menos, ler o *abstract* lá, tipo, para ter uma ideia de quê que é antes de você, né, entrar nessa parada que você não tá acostumado a-a estudar esse tipo de coisa. Mas eles... é... sempre se relacionam muito o lance da-da... fofoca, a fofoca como algo que nos uniu como sociedade, né? Tipo, antropologicamente, a gente foi usando a fofoca para essa parada da comunicação e a partir desse lugar de, tipo, comunicar, o riso estabelece o ponto da segurança. E aí é o que eu queria trazer aqui, que eu achei muito curioso nas minhas pesquisas, que é uma teoria que tem, eu não sei o André tá familiarizado disso, e eu fico já pedindo desculpa, desde então, de cair na área dele aqui e ele que manda eu calar a boca, tá? Mas existe uma teoria que é uma teoria da... tipo é uma teoria de início da violação, é como se fosse isso. E é muito... tem muito a ver com o que a gente tava falando do tiozão do churrasco, olha só que legal, é, tipo, a ideia que a gente evoluiu para se sentir seguro socialmente, tipo, o ser humano se junta meio que por segurança, né? Um ajuda o outro,

enfim, aquela coisa que a gente já sabe.

Orador C: Uhum.

Orador B: Mas a teoria da... tipo, dessa violação inicial, o início da violação, ela é assim, você tem uma situação de perigo ou uma situação de violação, de-de coisa errada ou coisa ruim que vai acontecer e que você consegue fazer essa situação de perigo também estar no mesmo lugar de uma situação de felicidade, de segurança, você tem um... o-o ponto da risada. Entendeu? Tipo, e como? Aí como o-os... que os caras que eu pesquisei do (inint) [00:28:36] que usaram como exemplo, se você chega no seu melhor amigo e faz cosquinha nele, tipo, começa a fazer cosquinha no seu melhor amigo, ele fica: “Ai para, aí para, não sei o quê”. Por quê? Porque fazer cosquinha é algo desagradável, só que feito por uma pessoa que você é super amigo é super bom. Então você tá flertando num lugar que é o desconforto no mesmo lugar do conforto, tipo, com a segurança de estar com a intimidade do seu melhor amigo, dele poder te tocar, de vocês se sentirem muito bem, enfim. E aí tá... vocês tão num lugar seguro, mas vocês tão fazendo uma coisa que é tecnicamente insegura. Se você pega essa mesma situação e, tipo, vai num ônibus e começa alguém de que você não conhece e começa a te fazer cosquinha é bizarro, tipo, é uma violação equivocada. Porque a cosquinha em si, sem a-a... o lance do *safety*, né? Sem-sem a parte do... da segurança, é o que transforme um outro lance...

Orador D: Sem o aval, né, do outro.

Orador B: Exato, exato. É a segurança, tipo, se você pega uma situação que causa desconforto e ela só causa desconforto... é... ela vira uma coisa ruim. Se você pega uma coisa que supostamente seria um desconforto, mas bota ela dentro de um lugar de conforto e ela continua sendo desconfortável, mas saudável, digamos assim... é... você tem o... é... essa-essa teoria que, tipo, você tem o aval da-da... dessa coisa do riso. E aí faz sentido construir uma piada em cima de uma coisa muito séria, muito dolorosa, muito grande, muito perigosa, tipo, eu vou falar mal da polícia para sacanear o guarda. Porque é perigoso, eu posso ser preso, tipo, eu tô num lugar, só que ao mesmo tempo, a plateia sabe que o... ele tá-tá brincando, ah, é uma piada. Sei lá, tipo, de alguma forma, você consegue dissolver... ãhn... o perigo e, então, você tem um riso estabelecido. Então, tipo, teoricamente funciona, né? Se você po... é... você pode tentar levar. E aí, tipo, eles fizeram umas pesquisas, teve um-um

instituto de Psicologia e ele tava tentando levantar qual seria o prazo de piada do desconforto, tipo, existe um desconforto e a gente pode fazer piada com o desconforto em quanto tempo? E eles chegaram a uma média de tipo, dezessete, vinte dias. Tipo, tecnicamente existe um problema e esse problema, em dezessete, vinte dias, você pode brincar com ele já e ele passa a ser confortável, embora, seja desconforto. Entende? Tipo sabe quando alguém faz uma piada e é muito cedo, tipo, sei lá, cai um barranco, morreu umas pessoas e aí você faz a piada com aquilo, é só crueldade. Mas passa vinte dias e você consegue transformar aquela história numa-uma estrutura... é... cômica, aí as pessoas conseguem a-associar. Não é que... e é claro, gente, então, obviamente o estudo não é de fazer piadas que sejam ruins o tempo todo.

Orador D: É. É... Não. É. E nem é uma ciência exata, né, (inint) [00:31:11] assim.

Orador B: É. Não, não, não. Mas a-mas a ideia é justamente isso, é uma pesquisa e não... e a- e a pesquisa deles, eles... é bem em cima do que o que é cômico bom e o que é cômico saudável. Ou seja, tipo assim, não é que você vai fazer uma piada que dói, porque se dói perde o sentido.

Orador C: Uhum.

Orador B: Tipo lembra da minha fala inicial, tem que ter o conforto, ou seja, tem que ter o aval, tem que ter-tem que ter, se você tira o aval, você só está fazendo maldade, não importa se você acha que tá fazendo piada. “Ah, porque o-o negro não sei o quê”, do gay e do gordo e não sei o quê, se você é um *standupeiro* desse, foda-se, você é um merda, só isso. Não é porque você é engraçado, não-não é esse lugar, é o lugar de verdade, é uma pessoa que tá preocupada em fazer uma piada e brincar com isso. Aí eles usaram um exemplo de, tipo, mulheres fazendo piada sobre o gênero mulher para mulheres e aí eles viram como isso funcionava, tipo, pegaram cento e tantas mil piadas não sei aonde e, tipo, foram milhares de shows, é uma pesquisa que tem, tipo, uns quinze anos que eles tão... é... é... tentando entender o humor pelo... pelas várias perspectivas. E aí eles pe... e aí chegaram à conclusão que a gente já sabe que é meio óbvia, que é pessoas do lugar de fala falando para pessoas do mesmo lugar de fala tem mais trânsito fácil para piada e tem menos tempo de dor. Ou seja, o problema pode ser rido mais rapidamente do que se eu estou fora do lugar. Então se eu quiser fazer uma piada para mulheres sobre mulheres e eu sendo homem, eu vou... eu preciso de muito trabalho, muito, porque eu preciso conseguir construir muitas coisas para eu conseguir

chegar nesse lugar...

Orador D: É.

Orador B: ... que as-que as mulheres vão rir. E a mulher obviamente chegando lá, ela vai ter mais facilidade.

Orador D: (inint) [00:32:51] de cara meio que já perdeu (- risos).

Orador B: É. É. Mas-mas-mas eles...

Orador D: (inint) [00:32:55].

Orador B: ... tipo assim, em termos de lógica...

Orador D: Né?

Orador B: ... é possível, só que eu vou ter que muito...

Orador D: Sim.

Orador B: ... mais...

Orador C: Uhum.

Orador B: ... é... é... por-porque é isso, existe uma di... um distanciamento e também um tempo que a plateia... é... aceita, né? E eu achei muito curioso esse lance... o caminho que mais me chamou atenção foi esse lance do conforto e o desconforto... é... colocado. Porque, para mim, o humor sempre esteve nesse lugar de... talvez, por isso, ele é-ele é um lugar de apertar o dedo na ferida, né? Ele é um lugar de exposição, de exposição de si, de exposição da coisa, do problema, ele é, tipo, ele sempre foi o... a manifestação sempre foi. Quando... se você põe um... uma pessoa fazendo piada do presidente, imitando o presidente é isso, ele vai... ele não vai elogiar o presidente, a comicidade, ah, vamos fazer uma piada sobre o Bolsonaro, aí eu vou enal-enaltecer as qualidades positivas. Não. Eu vou mostrar o quão idiota ele é e vou fazer as pessoas rirem dele, tipo, é isso que eu preciso fazer, eu preciso pegar o desconforto, só que eu tenho que fazer para pessoas que concordam com isso. Porque se eu faço para um bando de gente que ama o Bolsonaro, muito provavelmente eles não vão

conseguir rir, porque para eles, eles não tão... não é indulgente, tipo assim, eles não-eles não deram o ava-o aval para eu fazer.

Orador D: Total.

Orador B: Eles não concordam com isso.

Orador D: Eu ainda abaixo, que pode voar bala e aí é o...

Orador B: (- riso) É.

(- risos)

Orador D: ... (inint) [00:34:06].

(- música)

Oradora E: É uma coisa também sobre a origem das teorias, né? Isso aí foi uma experiência muito intensa no Cabaré das Rachas, que foi o momento em que eu realmente pude mergulhar na questão do humor de mulher para mulher... é... falando das questões de mulher e como se constrói esse humor. E aí dado esses assuntos, né, esses temas que você trouxe super interessantes, desses recortes, né? Por exemplo... é... dado esses encaixes, lugares de fala e tudo, a grande pergunta que fica é: por que... é... algumas pessoas insistem em achar que elas têm trânsito livre por todos os lugares de fala.

Orador B: Uhum.

Oradora E: E essa é uma grandíssima questão da falência desse tipo de humor.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Porque é só por uma necessidade de-de-de per-permanecer em livre trânsito da palavra, da opinião. E-e existe uma insistência...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... nesse lugar, porque eu tive em vários debates, né, dentro dessa perspectiva, né? Existe uma insistência muito grande. E eu fico sempre reflexiva, porque a gente realmente

conseguiu, na prática, na prática de testagem mesmo, nos provocar enquanto mulheres criadoras de humor, para sairmos de uma zona de condescendência entre nós sairmos de uma zona em que nós estávamos comprometidas a desempenhar conforme as regras do humor de homem.

Orador B: Uhum.

Oradora E: E que lugar e que interespaço seria esse, né? E a gente acaba descobrindo, sim, que nem sempre o humor é sobre botar dedo na ferida não, que, talvez, essa ideia seja também uma ideia parida...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... do... da masculinidade, do patriarcado...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... e da coisa toda que vai ditando algumas regras que é a maneira daquele tipo de mente operar.

Orador B: Uhum.

Oradora E: E da mente de um sistema inteiro operar. Só que isso não é mais a regra (- risos) totêmica das coisas, porque as-as pessoas estão desconstruindo mesmo essas-essas ideias, a gente tá vendo na prática...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... experimentando e fazendo. Porque a minha primeira expectativa com relação à criação do humor e durante muito tempo foi assim é que eu realmente achava que as mulheres, para serem... é... afetuosas e acolhedoras como naturalmente ou, barra, culturalmente elas são, elas acabavam sendo condescendentes com trabalhos muito frágeis.

Orador B: Uhum.

Oradora E: E os trabalhos, por sua vez, estavam frágeis porque estavam... tipo, que tínhamos mulheres buscando desempenhos estruturados num ponto de vista sobre o humor que é

patriarcal e masculino e-e-e...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... conta com várias máximas que não são-não são as nossas máximas e a gente tava só tentando contar histórias que não são as nossas.

Orador B: Uhum.

Oradora E: E por isso que isso ficava tão ruim tantas vezes.

Orador B: Uhum, uhum.

Orador C: Uhum.

Oradora E: Sabe? Então assim... é... é...

Orador B: Legal.

Oradora E: ... só para dizer que realmente é uma (inint) [00:37:00] a questão do humor, do social, da referência, das histórias narrativas.

Orador B: Uhum.

Oradora E: O quê que a gente... que chega para a gente enquanto isso sim é estrutura de humor, o humor está a serviço de, para quê, como é, como não é. Quem ensinou a gente?

Orador B: Uhum.

Oradora E: Da onde veio...

Orador C: Uhum.

Oradora E: ... essa informação?

Orador B: Uhum.

Oradora E: Vamos fazer uma pesquisa, quem são as pessoas que pesquisaram?

Orador B: Uhum.

Oradora E: Porque se só for um tipo de pessoas, e a gente sabe bem quem são, eu vou ter que eu vou ter que pedir vários (a partes) [00:37:33] sobre essas histórias, né?

Orador B: Uhum. Sim, sim.

Oradora E: Então é meio isso.

Orador D: E é muito importante, Ana, você falar. Porque a gente tava falando da revisão estética e realmente quando eu fui fazer as pesquisas, miga, que eu-eu fiquei meio que responsável, né, por trazer esse repertório dentro da dramaturgia, quis fazer um recorte ocidental, e aí você vai ver a presença da mulher em cena no teatro popular antes do teatro erudito...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... na *commedia dell'arte*. Então até... é... por exemplo, até aquele momento... e-e claro que depois dele ainda se per-perpetuou bastante, mas sempre foi um olhar extremamente patriarcal.

Orador B: Uhum.

Orador D: Então muito importante. Porque quando a gente fala dessa readequação que a comédia está passando, estética, diante das conquistas sociais que-que não tem volta, porque eu pa... eu comecei a ver, a gente tava falando disso hoje, eu não tenho como desver, né? Essa fala vai ter que ser dita em muitos momentos mesmo, né? Porque se a gente for parar para contemporanizar esse aspecto...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... fodeu... ãhn... a gente também não adaptou. E... né? (- risos) Não tá atento, pelo menos, para esse olhar. Porque a gente também tava falando...

Orador C: Sim

Orador D: ... disso, a reação que se espera hoje de uma correção diante de tantas mudanças é você realmente se retratar, voltar atrás e começar a repetir, pronunciar para ver se entende.

Orador B: Uhum.

Orador D: Né? Agora essa insistência como ela é, um clássico, né? Justamente porque a gente tá falando do... da piada que nunca teve graça e que agora o alvo é o homem branco, hetero, X (- risos).

Orador B: Uhum.

Orador D: E que eles não tão sabendo lidar com essa merda, né?

(- risos)

Orador B: Uhum.

Orador D: Também, né? Da... dessa resposta. É quase uma devolução para reparação histórica (- risos).

Orador B: E é social, né? A-a comédia é uma parada social, né André? Tipo assim, ela é... claro, toda a obra artística é obviamente social (e tal) [00:39:26], mas... é...

(- risos)

Orador B: ... é meio que assim... ahn... o... e é um... e um pouco do que a gente que poderia levantar aqui pro André mandar bala, que ia perguntar também pros nossos ouvintes, que é uma coisa que a gente não colocou ainda, mas que é muito importante, que é você, ouvinte, né, refletir de verdade o que é que faz... o-o que é que faz a gente rir, né? Quando-quando você tá rindo de uma coisa, você já parou para pensar do que é que você tá rindo exatamente? Tipo você... o-o que é que faz você tá rindo daquilo? Você tá rindo da... é... daquilo porque aquilo tá engraçado, você tá rindo daquilo porque aquilo é co-corajoso? É... eu, às vezes, muitas vezes, eu faço isso, quando eu tô... quando eu gosto de uma coisa muito... que eu tô achando muito engraçado, eu tento entender porque é que eu tô achando aquilo engraçado exatamente, se... é... depois de rir, né, lógico. Eu rio, eu acho engraçado, acho maravilhoso, quero passar pros outros, mas eu quero decodificar o que é que tem de comicidade ali, porque é que aquilo me atrai. Se é porque tá batendo em alguém ou é porque tá apanhando de alguém ou é porque... é porque não tem sentido, é porque... e, muitas vezes, para mim, a minha resposta pessoal é que, muitas vezes, eu não consigo entender totalmente.

Para mim é isso, quando eu não entendo totalmente, eu acho engraçado, eu acho engraçado quando fica buracos. Quando eu consigo compreender tudo, de início ao fim, ok, eu acostumo a: “Ah entendi” (- riso). Pronto. Mas quando eu acho muito engraçado é quando eu não... mesmo que eu fuce, fuce, fuce, fica um buraco, eu: “Caraca, eu não sei o que é isso”. Aí eu acho engraçadíssimo, tipo, me-me-me-me dá... ãhn... alegria, arrepios assim, sabe? Porque, talvez, seja isso, é uma parada... eu tenho algum problema, André? Qual remédio eu tenho que tomar? Me fala.

(- risos)

Orador C: Não, acho que não, não sei.

(- risos)

Orador C: É...

Orador B: Me receita logo, que eu já tomo.

(- risos)

Orador C: Não. Eu acho que rir nunca que é... na verdade, dizem que rir já é o melhor remédio, né? Então... (- risos)

Orador B: Eu já... eu escutei essa.

(- risos)

Orador C: É... então existem pontos bem importantes que eu queria rever com o que vocês falaram. Porque tem uma coisa que... do que o Reinecken tava falando, dessa relação do... de flertar com o perigo e-e tá num lugar seguro e tem toda essa relação que a gente pode tá falando aí de-de um alívio, né? Ele tem um pouco... é... essa característica. Tanto que fisiologicamente falando, né, sobre essa estrutura do riso, né? Do... a morfologia e como funciona, ele existe essa relação diafragmática, né? O diafragma é um músculo lá embaixo do pulmão, que ele controla a nossa respiração. E basicamente... é... existe e-essa relação do-do riso como aquela coisa do trancou a respiração e aí a gente tá soltando ele em... é... socos, né? É praticamente isso que tá acontecendo ali nessa relação (- risos), tanto que há estudos aí

até sobre os valores... é... de exercício fi... a relação de exercício físico com o riso, tem toda uma...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... (- risos) uma... ãhn... alguns estudos nesse sentido. Mas ele tem essa característica que tá relacionada com essa lógica de alívio, né? De você prendeu e aí so... e aí tá soltando e aí tem essa relação de descoordenação e tudo mais. Que é...

Orador D: Do escape, né André?

Orador C: Do escape. É. Isso. Que aí solta, né? E libera e aí tem essa-essa característica. Que é-é entendido já que tem uma relação, inclusive, de um passado primitivo, né? Então a gente mantém esse tipo... esse som, em fazer o ri-o riso, né? Ele é um som, que ele tem essa origem primitiva, de fato, e que a gente não tem controle sobre e ela acontece quando há, de fato, uma relação aí desse sentido, né? E principalmente quando a gente tá falando de riso mesmo, de gargalhadas, né, ela tem essa relação mais da situação do... da pressão, né? De fixar aquilo e aí depois ir escapando, né? E tem...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... é... essa característica. Porque quando a gente tá falando também de comicidade, como foi falado algumas vezes, a gente não tá falando só de riso, né? E aí a gente vai falar tanto... do quê que é achar engraçado, do quê que é (conversar) [00:43:20] e, muitas vezes, ah, essa origem, né? Há-há-há vários níveis aí, né? Tem a-a questão intelectual do riso, então, do... você compreender uma piada ou de você ter aquela... a linha, né, do... da construção da piada, do-do... daquilo que é inesperado no fim da piada. Então que isso que gera...

Orador D: Do elemento irônico.

Orador C: Isso. O elemento irônico também.

Orador D: Né? (inint) [00:43:44].

Orador C: Que isso que vai relacionar essa característica de um riso mais intelectual. E aí há

as coisas mais basilares, né? No sentido daquilo que o Reinecken tava falando, tem o fisiológico lá das cosquinhas, mas aí tem a situação também de acontece alguma coisa que parece perigoso, mas aí não foi, né? E aí tem também essa relação do riso, que é quando alguém, né, cai na... no chão (- risos) e...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... mas ela tá bem, ela não se machucou. Ãhn... enfim, e aí tem e-essas relações aí que a gente poderia tá falando. Mas existe também a-as outras possibilidades de riso, que eu acho que-que Ana Flávia tava comentando, né? Dos estudos que fizeram ali. Tem essa questão do riso que une, né? De você compartilhar coisas que são legais, de coisas pelas quais a gente passou e aí me remete, de novo, ao que o Reinecken tava falando de quando que a gente pode fazer piada com algum acontecimento que foi triste. Então é quando já passou, quando já tá em segurança, quando ele já não é mais uma ameaça, né, basicamente.

Orador B: Uhum.

Orador C: E aí eu fiquei... até vou querer ler esses artigos depois, porque (-risos) me estranhou um pouco eles colocarem datas, né? Dezessete a vinte dias. Porque, talvez, tenha al-algum outro qualificador aí dessa relação...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... que pode ser mais explicativo porquê que agora é ok fazer essa piada. E-e isso aparece no que você tava falando também de contexto, né? Então...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... de quando é uma mulher falando... fazendo piadas sobre o mundo feminino para mulheres, ele é um contexto específico quando a gente tá numa outra relação... é... ou outro contexto específico e têm todas essas características que vão aí sim. E aí me parece muito mais lógico a gente falar dessa relação contextualizada, de o quê que tá sendo dito e quando que está sendo dito... é... e qual é a relação com aquilo que tá sendo denunciado, que aí é possível fazer essa... isso ser engraçado.

Orador B: Uhum.

Oradora E: É.

Orador C: E aí tem essa questão da-da socialização. Eu não sei se eu já trago isso agora, mas é que é uma coisa que eu acho que é bem interessante também. Porque quando a gente... é... ri junto, isso estreita laços, né, também sociais. ãhn... e aí teve um dos artigos que eu tava olhando, ele tem muito essa relação do... é... colocar pessoas numa situação em que elas riem da mesma situação, da mesma coisa... é... faz estreitar laços entre elas, la-laços sociais, né?

Orador B: Uhum.

Orador C: E aí há essa questão tanto de assistir um filme junto, né? Então você tá no cinema e assistir uma comédia juntos. E principalmente se você vai com um grupo de amigos, isso fortalece relações, você sai também e você se sente bem com o resto do cinema (- risos), porque todo mundo riu junto das piadas e tudo mais. E tem...

(- risos)

Orador C: ... é... essas relações que são estreitadas, até uma relação aí de confiança um no outro, né?

Orador B: Uhum.

Orador C: Que é bem interessante.

Orador D: André, na hora que você foi falando, são tantas coisas que... é... eu... a gente não vai ficar com vontade de te deixar ir embora.

(- risos)

Orador D: Eu queria que tu falasse um pouquinho, André, dos outros tipos de riso. Eu acho que você ia começar a falar um pouco disso. Porque eu sou, por exemplo, uma pessoa que fico nervoso e rio e, dependendo do grau de nervosismo, são gargalhadas e não tem nada de tá tranquilo (- risos). É, talvez, o organismo querendo dar um escape para aquilo que tá me perturbando violentamente (- risos). Então... é... e como isso também traz a aproximação, como você tá falando, social.

Orador C: Uhum.

Orador D: Porque eu morei com a Nega, a Luiza, a Ana Luiza Bellacosta, uma grande atriz e palhaça daqui de Brasília. E a gente tem esse faniquito juntos (- risos), então... é... isso também aproxima, porque você não se sente só, mas uma pessoa também tem esse tipo de reação meio que adversa (- riso)... é... ou-ou inesperada a respeito do riso. Porque eu-eu sinto que o riso, ele também... ele é reprimido muitas vezes socialmente, porque ele representa... ãhn... várias camadas e algumas incomodam, inclusive, né? Você ter esse tipo de reação. Eu queria que você falasse um pouco desses tipos de riso também ou de outros tipos de riso.

Orador C: (- risos) É. O riso de nervoso é bem interessante, porque ele vem... é... nessa relação paradoxal, né, de você tá nervoso e você... é... começar a rir. Mas é-é justamente essa relação mais orgânica mesmo de a gente justamente tentar... é... sair, né? Ou... ãhn... regular as emoções que a gente tá sentindo. Porque me parece, me lembra muito a relação do... daquele bebê tão fofinho, mas tão fofinho que você quer morder ele, né, de fofura.

(- risos)

Orador C: Que ele tem essa relação também de autorregulação, né? Porque morder algo não é, né, legal, não é agradável, enfim. E tem essa relação de...

Orador B: Ah tem uma mordida que é bom, vai.

(- risos)

Orador D: É. Eu sempre falo...

Orador C: Mas não essa...

Orador D: ... sem dente, sem dente.

(- risos)

Orador D: Eu tô brincando.

Orador B: Tem um nível de mordida que é legal, gente.

Orador D: Não. Mas é, gente, é porque aquele pezinho parece um Seven Boys.

(- risos)

Orador D: Dá vontade de morder aquilo, né?

Orador C: Isso.

Orador B: É. E cachorro. Eu já-eu já quebrei o dente, cara. Porque eu comprei um cachorro filhote, porque aí eu pegava o cachorro e ficava apertando, apertava, apertava tanto que... aí quebrei um dente.

(- risos)

Orador B: De verdade, literalmente...

Orador C: Mas... (- risos).

Orador B: ... eu quebrei um dente por causa do cachorro fofinho.

Orador C: Mas essa é a relação de-de autorregulação mesmo, né? Então... é... tanto que a gente não consegue lidar com aquilo de forma (- risos) natural, que a gente vai pro outro extremo, né?

Orador B: Uhum.

Orador C: Que é da violência, né? Da... no caso do bebê fofinho e a do nervoso. E-e aí tem essa relação, de novo, qual é o-o contrário do nervoso? É quando você relaxa, né? E o relaxar, a risada, ela tem essa relação fisiológica do relaxamento, que é esse controle específico da respiração. Eu acho que o principal assim... é... tem a relação tanto de risos em diferentes situações, mas eu acho que o principal é a questão do nervosismo. E aí me lembra, de novo, a questão da fofoca, né? Que o Reinecken tava comentando antes, dessa questão que tem uma relação do deboche e do escárnio e a fofoca também vem acompanhada, né, dessa questão do riso, da-da graça, né? E-e do... daquilo que é secreto e que você não vai compartilhar. Então é-é aquilo que é... que, de novo, tá vinculando pessoas específicas dentro de um grupo específico.

Orador B: Uhum, uhum.

Orador C: E aí tem, claro, o riso da alegria, né? Que é quando você está feliz, que nem sempre você vai sair rindo porque você está feliz, mas em alguns momentos há essa relação também. E aí há-há o riso da comédia mesmo, né? Que é eu acho que o principal do que a gente deveria tratar hoje (- riso).

Orador B: Uhum.

Orador D: Não tá errado não, André. Porque assim, que engraçado, a gente, de alguma forma, tá tratando.

Orador B: Uhum.

Orador D: Porque isso que você falou da fofoca que o Reinecken tinha colocado, era uma outra pauta, amigo, desculpa, é que tu falou coisas... foi muito rico assim. A origem da-da farsa como gênero, ela é baseada praticamente nesse elemento de comunicação que é a fofoca. Porque é algo que, primeiro, a gente, como público, fica cúmplice...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... daquilo que tá sendo disfarçado e por isso é engraçado, porque os demais são enveredados no enredo sem saber, de fato.

(- risos)

Orador D: Até que aquilo vem à tona para que a resolução do conflito aconteça.

Orador B: Uhum.

Orador D: Normalmente uma comédia também a resolução é divertida, porque o objetivo é fazer rir. Então, de alguma forma, a gente tá falando de ou... sabe? Por isso que eu falei...

Orador C: Sim.

Orador D: ... eu até abriria mão dessa parte de estudos, porque, de alguma forma, ela tá contemplada.

Orador C: Sim.

Orador D: Foi isso que os dramaturgos...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... as pessoas tavam tentando reproduzir em busca desse efeito aí do riso, né?

Orador B: É.

Orador C: Sim.

Orador D: Como você tava dizendo. E ainda tem essa coisa e faltou só isso para eu saber (-riso), essa questão da repressão do riso. Se você percebe isso?

Orador C: Ah sim.

Orador D: (inint) [00:51:25], muitas vezes, é uma coisa que não era propriamente para se rir, mas ficou engraçado. E...

(- risos)

Orador D: ... e quanto é terrível você rir nessa situação, né?

Orador C: Sim, sim.

Orador D: É... eu vejo isso também acontecer demais.

Orador B: Complementando essa coisa e perguntando também pro André, a mesma ideia, né? É... uma coisa para a gente, cenicamente, é engraçado. Porque a gente quando entra em cena para fazer uma peça ou uma-uma apresentação qualquer, existe uma questão sobre o riso, né? É... se você vai fazer uma comédia, se você sabe que você tá criando uma comédia, se você sabe que você criou uma cena que é engraçada, existe uma questão do riso ali, né? Tipo, a gente precisa que as pessoas riam, a gente quer que elas riam, a gente vai usar o riso como uma... um parâmetro, um termômetro se você tá fazendo ou não tá fazendo bem a sua cena. Então o riso passa a ser uma questão mesmo para a gente, não é assim, tipo, ah, rolou, tudo bem. E ao mesmo tempo também têm cenas que a gente faz só por fazer e ela é boa e aí ela gera riso ou não, isso não interfere para a gente, porque não existe uma procura pelo riso, né?

Orador C: Uhum.

Orador B: Mas, de fato, os artistas cênicos passam pelo lado, pela questão do trauma do riso, né? O riso passa a ser uma coisa para eles, porque também acontece o oposto, você faz uma cena super dramática, séria, trágica e na plateia tem alguém rindo. E isso é-é muito difícil de...

Orador D: Porque foi engraçado para ela, né?

(- risos)

Orador B: Isso. E a gente precisa entender que... ãhn... às vezes, o riso é uma parada social... é... e que não é vinculada necessariamente à comicidade, tipo, não é... é... estrito, né? Tipo, tá rolando o riso é porque tá rolando comédia. Não. Porque o riso pode ser só uma reação da pessoa, a pessoa, sei lá, ela ri quando tá numa situação X e aí ela dá uma gargalhada. Só que o riso também, ao mesmo tempo, é contagiante.

Orador C: Uhum.

Orador B: Então ele também gera nas outras pessoas que não estão rindo da cena, mas tão rindo de alguém tá rindo da cena...

(- risos)

Orador B: ... e aí alguém ri, que tá rindo... entendeu? Tipo, vira uma parada.

Orador C: Sim.

Orador B: E é uma coisa séria para a gente, porque a gente fica naquela coisa assim: “Caraca, será que isso é...”.

Orador D: (inint) [00:53:25] cagou a minha cena, cagou.

(- risos)

Orador B: É. E-e mais-e mais, a gente também entra nesse lance de que o riso é um termômetro de felicidade, sabe? Tipo significa que tá tudo bem, por isso que tá se rindo? E tipo assim era para vocês estarem se sentindo tristes ou chorando ou repensando os seus co...

sei lá, eu tô fazendo uma cena, sei lá, da Antígona e eu tô querendo falar e-e a galera tá rindo, sabe? Tipo isso, o que significa isso, sabe?

(- risos)

Orador C: Sim.

Orador B: Então isso é uma questão—é uma questão legal de a gente pensar nesse lance social da representação do riso, porque, de fato, é algo que a gente, como artista cênico, né? As nossas—as nossas atrizes e os nossos atores... é... a gente—a gente discute isso, a gente pensa disso quando a gente elabora uma cena. Quando a gente elabora uma cena cômica, a gente pensa se ela vai ser engraçada, a gente realmente fala: “Tá. A galera vai ter que rir”. A gente... em algum momento, a gente fala: “Cara... ãhn... tem que rir aqui”, né? A gente estabelece... “A galera tem que rir aqui, cara” (- risos). Sabe? E é um...

Orador C: Sim.

Orador B: ... e é um... é um lance, é um lance para a gente, sabe, assim. E você acha que a gente poderia entender o riso como—como felicidade ou como *achievement* de felicidade? Tipo, o cara tá rindo é porque tá tudo bem.

(- risos)

Orador C: Ai...

Orador B: ãhn... a plateia—a plateia, essa é uma pergunta para a plateia até, tipo: você ri quando tá tudo bem?

Orador C: Né? (- risos) Exato.

Orador B: Você—você aí, você tá rindo, você só ri quando tá tudo bem, cara? Como é que é isso para você? (- risos).

Orador C: Eu acho que a própria pessoa fazendo esse autoexame já vai perceber...

(- risos)

Orador C: ... que não, né? Que não é bem assim.

Orador B: Uhum.

Orador C: Inclusive... ãhn... como esse episódio só sai o ano que vem, né? Eu posso falar.

(- risos)

Orador C: Que a gente gravou re-a gente gravou retrospectiva essa semana do ano de dois mil e vinte e a gente riu muito e esse ano não tem nada de... de...

(- risos)

Orador C: ... não tá bem, né? Tipo...

Orador B: Que não tá bem (- riso).

Orador C: ... e foi um... uma experiência interessante também do ponto de vista de bastidor assim, porque foi um pouco catártico também, né, no nosso ponto de vista. Porque têm vários problemas, têm várias questões de ciência aí complicadas, mas a gente tava precisando desse desse alívio, né? Dessa situação aí em que a gente pode, então, rir dessas questões e aí, talvez, porque somos cientistas e a gente tá rindo dessa situação (- riso)...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... da ciência do brasileiro no momento. Talvez, isso faça sentido e aí tá dentro desse contexto, têm todas essas relações. E também... é... justamente do alívio que a gente sente, né, em grupo e estar próximo de pessoas que a gente confia e tudo mais... ãhn... nos permitiu essa sensação... é... esse sentimento.

Orador B: Uhum.

Orador C: Que não é alegria, de fato, não é porque está tudo bem, porque, de fato, não está tudo bem. Mas, ao mesmo tempo, a gente tava naquele ponto, né, de ameaça e conforto, né? Então a gente tá entre os nossos, a gente tá en-entre pessoas com que-que a gente confia e quer bem, enfim. E aí isso possibilitou essas relações.

Orador B: Hã.

Orador C: E, talvez, esse riso. Mas eu achei muito engraçado, né, essa questão de... no ponto

da atuação, porque já estive nesse lugar (- risos)...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... de a gente... tinha uma cena que era uma-uma cena de guerra e tinha um-um... uma troca de diálogo que era para ser um-um alívio cômico mesmo da cena, né? Então tem toda...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... essa construção. E basicamente era essa a nossa preocupação, de acertar o tempo das falas, da piada, para que houvesse dentro da plateia, né... ãhn... essa questão do riso e era uma coisa que a gente perseguia. E foi... ãhn... a minha única experiência de ficar em cartaz por mais de (- risos)... por mais de um fim de semana.

Orador B: Uhum.

Orador C: E foi bem interessante. Porque é isso, a gente percebe... é... essa variação, né? Que nem sempre a gente acerta o ponto e isso acaba sendo o medidor. Mas como você falou, existem cenas e cenas, existem situações, existem outras cenas que podem gerar riso inexplicado ou que não era intencional. E-e aí, de novo, vai ter a ver também com as experiências individuais de cada pessoa, como as situações estão sendo propostas que pode justamente tá atingindo um ponto de nervosismo também, porque ele pode ser... o riso, ele pode ser um-um sintoma, né? Quando a gente tá trabalhando algumas coisas, a gente percebe isso também. Pode ser um sintoma de alguma coisa e aí por gerar tanto nervosismo, ele pode também tá relacionado, tá gerando riso... é... que a pessoa não consegue comentar. Mas voltando ao que o Hugo perguntou, porque eu acabei não respondendo, de novo, essas situações em que a gente não pode rir, né? E o quanto que essa incontrolabilidade... ãhn... dessa reação, às vezes, pode ser bastante complicada. É... nessa situação, emoções são coisas que a gente tem pouco controle sobre, né? Então a gente sente as coisas, a gente até pode controlar como a gente reage externamente, abertamente para outras pessoas, mas dentro do nosso... né? Do nosso organismo, fisiologicamente a gente tá sentindo aquilo. E esse é um ponto bastante importante, porque muitos dos sofrimentos psíquicos, em geral, eles vêm dessa expectativa das pessoas de tentarem controlar o que elas estão sentindo. Então a gente não tem como controlar o que está sentindo... é... a gente preci... pode aprender a lidar com

o que a gente tá sentindo e é isso que é importante. E o riso também, né? Então... ãhn... essa vontade de rir de alguma coisa, ela vem e se a gente não puder dar vazão para ela... é... isso pode acumular e ser cada vez mais difícil de a gente conseguir controlar (- riso), né?

Orador B: Uhum.

Orador C: Ou segurar essa-essa relação. Tem um-um seriado britânico que eu acho que poucas pessoas conhecem, eles fazem uma analogia que eu achei muito boa para essa relação do riso. Que eles tavam se preparando para ir para um velório e aí eles fazem essa relação de que não pode rir no velório (- riso) e o como é difícil controlar o riso num velório. E aí eles vão falando dessa relação do riso e do velório e eles vão comparando isso com um empilhamento de copos. Então você vê uma situação que ela é levemente engraçada, mas você não pode rir, aí você é o primeiro copo que você coloca em cima da mesa. E aí outra pessoa olha para você, vocês trocam olhares e vocês dois acharam aquilo engraçado, aí é o segundo copo sobre o primeiro copo. E aí você vai empilhando copos e cada vez que você... ãhn... se controla para não rir é como se você colocasse mais um copo em cima dessa pilha, até que chega o momento que a pilha não vai ter estrutura (- riso) e ela vai cair.

Orador B: Uhum.

Orador C: E aí, né? (É o período) [00:59:32] da gargalhada. E tem muito essa relação do... desse segurar o riso que é, cada vez, ele vai ficando maior, né? Como um monstro que vai crescendo (- riso) e a gente não tem mais como controlar até que dê a-a vazão...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... a ela.

Orador B: É... tem um lance que eu acho-que eu acho legal, eu não sei se a Ana chegou a fazer isso, a Ana... eu acho que a gente fez isso como... a-a Ana como diretora, né? A Ana Flávia era diretora do nosso-nosso grupo de palhaços. E eu-e eu me lembro que a gente fez alguma coisa, algum jogo de palhaços parecido com isso, mas tinha um que o Chacovachi fazia com a gente, que é para poder marcar aqui na nossa cartela de que a gente sempre cita o Chacovachi ao-ao... em algum momento.

(- risos)

Orador B: Então... é... que era um jogo muito-muito legal assim para a gente pensar a pesquisa do porquê que o riso é algo que a gente pesquisa. E ele não é muito... não tem como teorizar muito e é meio, tipo, dane-se e é meio *rock'n roll* também. Ficava o público no centro, ficava o público no meio e ficava um artista de um lado e o outro artista do outro lado. Então ficava um artista à esquerda e uma artista à direita e o público tava no meio e aí eu ficava improvisando, fazendo qualquer coisa. Bom, o objetivo é: você tem que ficar... fazer as pessoas rirem. “Vai lá, já”. E aí você ficava fazendo qualquer coisa para chamar a atenção das pessoas, pras pessoas-pras pessoas ficarem viradas para você. E a regra era: o público genuinamente tinha que, caso não achasse interessante o que eu tô vendo, me virasse de costas pro outro artista, né? Para ver o outro artista fazendo. E aí quando você... aí você ficava interpretando uma parada, sei lá, imitando uma galinha, imitando um bicho, fazendo uma careta, sei lá. Aí chegava um determinado momento que você ficava sem graça, tipo, você ficava sem graça, porque acabava a graça, cara. E aí a plateia se virava de costas para você e vi-e virava para outra pessoa e aí outra pessoa tinha que ficar em cima mantendo. Quem conseguisse manter a plateia mais interessada por mais tempo ganhava. Então chegava um determinado momento que a gente apelava, apelava para a escatologia, ape-apelava para algum lugar assim, tipo: “Eu preciso manter essas pessoas aqui”. Mas o que é que faz elas ficarem rindo aqui, sabe? Tipo que... e também o Chachovachi fazia o tal do Jogo da Vida. Vocês chegaram a fazer isso também, né, gente ou não? Que é, tipo, vocês têm três vidas, você tem que entrar... ãhn... em cena e aí você vai-vai fazendo engraçado. Se caso a plateia comece a achar: “Ih tá meio sem graça”, a gente bate palma uma vez, tira uma vida. Se você tira três vidas, você morre e sai, sabe? E era muito tenso, porque o medo de você fazer uma coisa que não é engraçado era-era horrível, era horrível, era um jogo horrível de fazer, sabe? E... mas era um lance de você realmente testar os limites do seu humor, né? Tipo até onde eu consigo, até onde eu posso ir? E-e a regra desse Jogo da Vida, o Chacovachi colocava que era a dignidade, você não pode perder a dignidade, você tem que ir a... se eu... ele falava: “Se-se eu ver que você perder a sua dignidade, eu mato você, tipo, eu bato palma três vezes, você perde a vida e você termina o jogo”. Só que o que significava isso, as-sabe-se lá o quê que era dignidade, sabe? Tipo... é... era o qua-o quanto... porque tinha gente que chegava e enfiava o dedo no nariz e tirava meleca e comia. Então para umas pessoas isso pode não ser nada, para outras pessoas isso pode ser...

Orador D: Mas cadê a dignidade? Não, não.

Orador B: É. Mas pode ter pessoas que tipo...

Orador D: Né? Deu, deu, deu.

Orador B: ... né, não têm problema com isso não. Porque tinha um palhaço que fazia um... uma coisa que era muito louca, que ele enfiava aqueles-aqueles balões de festa que são fininhos, ele enfiava no nariz e tirava ele pela boca e ele ficava com o-o-o-o balão, cara, passando o ar, ele enchia o balão pela metade do ar só e ele apertava e o ar passava para dentro do nariz e saía pela boca. Era horrível (- risos), era uma coisa bizarra, só que todo mundo adorava olhar aquilo, porque era escatológico, era bizarro e, cara, ninguém-ninguém... é... não ria, sabe? Todo mundo ficava rindo, batendo palma, achando bizarro, era aquele acidente de carro que você não quer ver, mas não consegue não olhar. E o cara mantinha a plateia. Entendeu? Tipo, a plateia realmente ficava entretida de ficar vendo aquele cara fazendo aquela escatologia, sabe? Eu jamais conseguiria fazer isso, tipo, para mim, sei lá, a minha dignidade tá muito acima desse negócio, sabe? Eu não conseguiria chegar nesse lugar.

Oradora E: E eu acho que têm relações com... porque a-a escatologia também é utilizada como um recurso de-de gerar riso, né, em certos-em certos momentos, até porque tem... é... é... essa questão também do nojo, do estranho, do coisa e aí, de repente, tem a liberação... ãhn... que não é isso ou... (- riso) alguma coisa do tipo.

(- risos)

Orador B: Uhum.

Orador D: E eu me lembro muito já, Gustavo, daquele de disputa.

Orador B: Uhum.

Orador D: A gente usou muito, inclusive, até no meu projeto de formação. Porque, André, o Gustavo foi o meu ator.

Orador B: Uhum.

Orador D: Do meu projeto de formação. Então a gente... era uma das metodologias que eu achava bem interessante... é... é isso, é o que você é capaz de fazer para chamar a atenção do outro.

(- risos)

Orador B: Uhum.

Orador D: E, às vezes, até quando você esgarçou só o estado de pânico já era cômico.

Orador B: Uhum, uhum.

Orador D: Bastava pro público ficar te observando.

Orador B: Uhum.

Orador D: Então isso, quando chegava nesse limiar aí, nesse limite, eu sempre achava muito rico, muito interessante. Porque também é o riso do não planejado e isso...

Orador B: É.

Orador D: ... é... é um esquema que eu acho que a gente investiga por isso, de-desses jogos, né?

Orador B: Uhum, uhum.

Orador D: Mas esse outro do-do... que você falou do perder...

Orador B: Da vida.

Orador D: ... a vida, né? E que se também a perdesse a dignidade. Esse, graças a Deus, eu não fiz, porque a minha dignidade, eu não posso falar muito dela.

(- risos)

(- música)

Oradora E: A dignidade, na verdade, nesse caso, ela não tá associada ao quanto pior você pode fazer as coisas. Porque quanto pior...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... tanto mais interessante, na real.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Não é um... não... a dignidade aí não tá balizando o quanto você pode ser mais escatológico e mais tosco e mais... Não.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Eu acho que, nesse caso, a dignidade é quando... perder a dignidade é quando você apela.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Ou quando você vai para algum lugar em que você se retira, quando você se entrega, quando você perdeu... porque, inclusive, uma máxima entre nós é: qualquer coisa, se tiver tando tudo muito errado, tira a roupa e sai na moral, porque ainda vai ter, sabe?

(- risos)

Oradora E: Sai bem.

Orador B: Tira a roupa e sai correndo.

(- risos)

Oradora E: Tira a roupa e vai embora, porque isso é não perder...

Orador C: Sim.

Oradora E: ... a dignidade, é não ficar se sentindo humilhado porque não estou agradando.

Orador B: Uhum, uhum.

Orador C: Uhum, uhum.

Oradora E: Porque isso é uma coisa muito confundida na produção consciente do riso e do

humor.

Orador B: Uhum.

Orador C: Uhum.

Oradora E: Uma necessidade de agradar, uma necessidade de estabelecer... é... e aí... é... essa necessidade de agradar o outro, ela é muito... é-é-é um-é um espectro muito amplo, eu posso tentar te agradar tendo uma escuta sobre você e tentando saber o que-o que te importa, eu posso ficar chutando, eu posso ficar achando que eu tenho uma coisa que agrada todo mundo.

Orador B: Uhum.

Oradora E: O pior bola fora da paróquia, né? E que, ah, isso aqui sempre agrada. Isso aí é meio o cerne do tio do pavê.

Orador C: Uhum.

Oradora E: Ele fez essa piada em...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... setenta e quatro.

Orador B: Uhum.

(- risos)

Oradora E: Foi divertido, aí ele quis reproduzir durante todos os natais.

(- risos)

Orador D: O caso de Guilherme Pepino e toda (a saída) [01:06:48] de palhaço.

(- risos)

Oradora E: Pronto.

Orador C: (inint) [01:06:51].

Oradora E: É isso, né?

Orador C: Uhum.

Oradora E: É... então só-só buscando um pouco disso e pensando no... na-na coisa do humor aqui. Porque a primeira busca, eu fui dar uma buscar num... eu fui dar uma *googleada* no humor, eu sempre gosto de ir lá nas definições e é muito interessante, porque a primeira definição que aparece é a definição... é... biliosa do humor, né? O humor como substâncias-substâncias corpóreas.

Orador C: Uhum.

Oradora E: O atra-atrabilis a bÍlis negra seriam quatro humores que são: a bíli amarela, né? Tem mais outros dois...

Orador D: E o sangue, o sangue.

Oradora E: O sangue como-como um humor.

Orador B: Uhum.

Oradora E: E aí isso... é... metaforicamente é muito interessante, né, de pensar poeticamente do quê que é isso e que movimenta... que tipo de qualidade, de energia, movimenta cada cada humor desse, né?

Orador B: Hã.

Oradora E: E aí também trouxe... ali tem uma... é porque eu mudei o ambiente e deixei as minhas anotações. Mas... ãhn... o humor do... estilos de humor, sabe? O humor que é mais intenso, dizendo que o-que os humores não-não necessariamente tão relacionados com-com o riso, né?

Orador B: Uhum.

Orador C: Uhum.

Oradora E: Que a gente usa dessa maneira, o humor como alguma coisa que tá relacionada à comicidade e o riso. E, na verdade, o que a gente vê é que têm coisas muito humoradas, né? Falando de uma perspectiva, por exemplo, de trabalhos interessantes, né? É... e do... e a gente ri do quê, né? Porque essa foi a-a pauta que eu-que eu muito quis...

Orador C: Sim.

Oradora E: ... trazer para essa reflexão. É... o trabalho do parceiro da Elisa, o-o que tá fazendo uns-uns vídeos com a Elisa, do Saulo.

Orador D: Saulo Pinheiro.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Do Saulo Pinheiro. O Saulo se comprometeu como... ele é-ele é um-um-um cara que vem de uma escola *stand-up*, que vem de uma escola... é... do humor... é... do teatro dito teatro comercial, como se nenhum outro fosse.

(- risos)

Oradora E: Mas o teatro... é... também besteiro e essas-essas coisas, né, que as pessoas vão-vão dando nomes para-para categorizar e tal. E ele teve um... ele fez, desenvolveu um trabalho na internet, no Instagram dele, ele simplesmente faz uma revista diária das questões políticas do país.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Diária, impecável assim na disciplina de todo dia buscar ideias, buscar notícias, fazer uma inflexão ali, que é-é sobre uma... é... é sobre humor.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Ele está humorando aquelas notícias, ele está trazendo a densidade, o quão patético pode ser por um aspecto, o quão perigoso algumas coisas podem ser, a perplexidade sobre aquilo, o deboche sobre aquilo. Então a gente vai vendo que o humor, ele se esgarça de uma maneira muito ampla... é... e as reações das pessoas, elas vão ser referenciais.

Orador C: Uhum.

Oradora E: É sobre referência. Se aquilo faz sentido para mim, eu consigo ler o deboche.

Orador C: Sim.

Oradora E: Eu consigo ler a crítica, eu consigo me divertir com o surto que ele promove ao contar algumas notícias que são realmente estapafúrdias. Mas se são pessoas que não estão achando essas notícias estapafúrdias, que estão em defesa de-de-de... dessa linhagem política ou-ou tal, elas-elas vão ter absolutamente outra... outro tipo de reação, né? Então isso é uma grande medida, eu acho, né, sobre essa coisa dos... o riso é sucesso ou não sucesso? Não sei. Comunicar é sucesso?

Orador B: Uhum.

Orador C: Uhum.

Oradora E: A gente comunica para todo mundo? Para quem a gente tá falando? A gente ri do quê? E é-e é-e é para quem que a gente faz?

Orador B: Uhum.

Orador C: Uhum.

Orador D: E outra, né Ana, será que o objetivo, como você falou, para alguns não vai ter a menor graça e-e já lembrando que o humor vai para várias camadas que não é propriamente o-o-o do cômico, né?

Orador B: Uhum.

Orador D: É... se a gente pensar ele com essa alternância de estados e ânimos, putz... é... eles vão revelando, às vezes, dores profundas quando a gente tiver essas notícias estapafúrdias e a gente acaba rindo para não chorar.

Orador B: Uhum.

Orador D: Né? Então...

Orador C: Uhum.

Orador D: ... quanto isso é complexo, né? E-e também na história assim, nessa evolução... é... da-da comédia, quando o humorismo passa a adentrar dentro dessa-dessa camada, inclusive, na dramaturgia, a gente vai vendo que ela amplia mesmo a-a-a-a percepção sobre o riso, inclusive.

Orador B: Uhum.

Orador D: Né? E ou o não riso, o que não quer dizer que não foi bem humorado ou que não tem... né? Aquilo que a gente tava falando hoje, pô, aí você tá embargado e vai gravar um programa sobre o riso e esse estado de mau humor já é humor, né?

(- risos)

Oradora E: É. (- sobreposição de vozes) [01:12:00].

Orador D: E que, às vezes, para tu não tem a menor graça, mas pro outro...

Orador C: Sim.

Orador D: ... vendo de fora...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... essa descompensação é muito engraçado.

Orador C: Sim.

Orador D: Né, Tobias?

(- risos)

Oradora E: É só porque eu ia co... é... concluir essa-essa fala, que eu ia dar também uma outra referência pras pessoas que é um... é bem um show que tá na Netflix, né? Então é um show de muito fácil acesso, que é Nanette, que é as... a-a... uma mulher comedianta que vai assim, grosso modo, uma síntese bem resumida, mas que se encontra com tudo isso que a gente tá debatendo...

Orador C: Uhum.

Oradora E: ... vai colocar em questão, de fato-de fato é sobre autodepreciação? Porque foi muito... durante muito tempo na minha formação enquanto comediante e palhaça...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... foi estruturada a minha ideia, foi passado para mim esse saber dessa maneira de que tinha muito a ver a dignidade com autodepreciação.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Com a sua capacidade de se autodepreciar.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Só que se você parar para pensar que são homens brancos que tão falando de autodepreciação fica tão mais suave para homens brancos se autodepreciarem.

Orador C: Sim.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Pessoas negras se-se autodepreciarem será que é a mesma coisa? Mulheres se autodepreciarem será que é a mesma coisa? Mulheres gordas, pessoas de generidades alternativas que-que não tinham nem espaço, nessa construção de saber eu não tenho nem... pouquíssimas são as referências de pessoas gays que tivessem, e o Hugo pode falar sobre isso, que tivessem a questão da sua sexualidade sendo levada em consideração ne-nessa pauta. A gente construiu, foi construído para nós uma iconicidade de gênero dentro da palhaçaria, por exemplo.

Orador B: Uhum.

Oradora E: As palhaças, os palhaços, palhaças, tchuthucas, mulheres, sainha, chu-chuquinha, nanhã, roupinha coberta, o corpo coberto, porque isso, porque aquilo, né? Então a gente foi muito atropelado também em tudo isso estruturalmente que a gente-a gente acessa. Eu honro tudo-tudo o que eu aprendi, porque foi daí que eu aconteci, pensando sobre isso. Mas isso já

se amalgamou com muitas outras coisas.

Orador C: Uhum.

Oradora E: E hoje essas coisas têm outras importâncias, inclusive, nesses espaços de maestria para mim (desimportam) [01:14:21] hoje. Não por um desconhecimento, mas por uma-por uma engrenagem social que dá visibilidade e pauta para coisas que foram violentas para muitas pessoas.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Nos processos de aprendizagem sobre o riso mesmo.

Orador B: Uhum.

Orador C: Sim.

Oradora E: Né? Inclusive, métodos, métodos de que para... eu-eu me orgulhava para caramba que eu era casca grossa, que eu dava conta de um diretor escroto gritando...

Orador B: Uhum.

Oradora E: ... xingando, eu achava: “Aquilo é só para os fortes”, eu achava isso (- riso). Eu passei um tempão para entender, depois, que, na verdade, isso é um puta de um abuso do caralho, porque não era para tá acontecendo dessa maneira (- riso). E por isso muitas pessoas não-não continuaram e não ficaram, não só porque elas não eram casca grossa, porque isso não é uma grande vantagem, você ser tolerante à abuso, né? Então são tantas questões, né? Desculpa que eu dou sempre uma pesada na (inint) [01:15:13], gente.

(- risos)

Oradora E: (inint) [01:15:15] eu nem vou, porque eu não tenho nem roupa para ir. Passo a palavra.

Orador D: É. Eu já ia falar, nem ia ser tu, né? Se não-não desse... que bom que tem, porque... e só complementando isso, André, que eu acho que tu tem agora... a gente vai terminar o programa ouvindo tu só dessa... a gente tá fazendo aqui uma terapia, né André,

com você.

(- risos)

Orador D: (inint) [01:15:36], né, qual é a pegada. Mas só porque a Ana falou dessa questão do palhaço veado, porque foi um levante que eu sempre trouxe, ainda mais quando eu tive o entendimento: “Ué? Mas a máscara não é para revelar?”. Aí eu sou veado e o meu palhaço é hétero, que porra é essa, né?

(- risos)

Orador D: Ou não tem sexo, é assexuado. Nunca é gordo. É... aí... ainda mais que é uma bicha incontrolável. E aí...

(- risos)

Orador D: ... isso que gerou problemas em muitos lugares, né?

Orador B: Uhum.

Orador D: A própria Ana Flávia foi uma das pessoas, uma das poucas pessoas na trajetória que falou assim: “Olha só, quanto a isso eu não sei sobre o que falar, então, o quê que eu te digo? Continue investigando”, né? Então é realmente como esses processos todos foram cerceadores. Eu não vou falar aqui o nome do... que é um amigo amado para não expor. Mas deles, porra, o quê que rolou?

(- risos)

Orador D: Muitas vezes, quando fazia o jogo no hospital, pô, ia fazer a sedução com as mulheres e tal, eu ali como parceiro fazia todo o apoio, tocava até a musiquinha.

(- risos)

Orador D: Acabava, eu não conseguia não arrematar falando: “Gente, mas quem olha assim, né, acha que gosta, né?”.

(- risos)

Orador D: E aí ele ficava puto e eu falava: “Desculpa, eu não sei fazer de outro jeito”.

(- risos)

Oradora E: Estraguei a sua performance.

(- risos)

Orador D: Né? É tipo isso.

(- música)

Orador B: É... é importante o público, nesse momento, lembrar que, claro, existem óbvias diferenças entre o que é humor, o que é cômico, o que é comicidade, o que é riso e que eles são a mesma coisa. Mas eles não estão no mesmo lugar ou eles estão no mesmo lugar, mas não são a mesma coisa, enfim, não é uma coisa só, são várias coisas. Existe o humor que é X, Y, Z, existe a comicidade ou o cômico, a cena cômica, que ela é engraçada ou não é engraçada, existe o riso que é o nosso tema principal, tipo, né? Tá-tá aqui o André trazendo o... a representação da psique humana, do quê que é o riso.

(- risos)

Orador B: E que agora ele vai responder para a gente o que é o riso, né? Em cinco minutos. E...

(- risos)

Orador B: Mas-mas é importante a gente lembrar que, ao longo da história também, tipo, né, dentro do-do teatro, a gente... é... configurou o riso de várias formas, né? Tipo, a gente... ele-ele foi configurado de várias-vá-várias características, vários jeitos, várias estéticas e tudo mais e ele continua sendo revisitado e revisado hoje, né? Não é que existem esses tipos de humor, né? Não. Na verdade, existe o humor e existe a nossa tentativa de entender esse negócio e a gente vai dando nome, ah, é mais (inint) [01:18:20], ah, é mais não sei o quê. Tipo é a gente... posterior a coisa acontecendo que a gente dá o nome para aquilo. E-e é equivocado da nossa parte, como pesquisadores cênicos que somos (-risos)... é... estabelecer pros nossos ouvintes ou para você que tá estudando, começando a carreira de atriz agora ou

ator agora, não comece pensando que existe uma estética que ela é necessariamente aplicada à sua realidade. Porque não-não adianta, você não vai fazer teatro, commedia dell'arte agora, cara. Não tem como, é equivocado. Você pode estudar como é que foi o movimento lá, entender o que aconteceu, tentar aplicar, tentar até em termos de-de artes cênicas em... é... acadêmica até vale tentar fazer uma espécie de laboratório para ver como era, isso aí é absolutamente maravilhoso, né? Mas não é... não-não funciona... é... vou fazer comédia medieval.

(- risos)

Orador B: Não-não rola, não rola, não rola, você não faz... é... comédia nem contemporânea (- risos).

Oradora E: Mas medieval até que tá aproximado da contemporaneidade (inint) [01:19:17].

(- risos)

Orador B: É. Mas...

Orador D: Desculpa. (inint) [01:19:20]...

(- risos)

Orador D: ... em que vivemos.

Orador B: Né?

Orador D: Mas, por exemplo, o elemento farsesco que dramaturgicamente (inint) [01:19:26] surge na era medieval, ele tá presente em...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... todos elementos jocosos que a gente usa para a cena. Então...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... é... também não tem como a gente reproduzir, mas também não tem como a gente desassociar, é meio isso, né?

Orador B: Sim. Mas existe uma coisa que é meio que um... pode-se dizer que é um denominador comum ou-ou, talvez, nem exista isso, mas, enfim, tipo, existe uma coisa que parece que não é. E aí, claro, eu tô falando isso, não quer-não quer dizer que eu tô encerrando tudo que é humor nesse lugar. Mas que exis-existe no humor que é esse apontar o problema. Porque a Ana Flávia falou uma coisa que é muito importante e que eu também escutei a vida toda de-de-de comicidade, a vida toda, que é você se autodepreciar, tipo, você se expor ao ponto de você perder esse lugar de proteção e-e deixar isso horrível, as pessoas vão rir da sua cara e aí, tipo... isso eu vi... ãhn... to... talvez, vocês já tenham escutados, vocês, ouvintes, talvez, es-estejam escutando, talvez, vocês estejam até falando isso (- risos) pros outros. Então para.

(- risos)

Orador B: Para, porque não é, tá errado (- risos). É também, mas não é isso, é também alguma coisa nesse lugar de auto exposição. E aí eu queria colocar o lance do... cenicamente a comédia parece que é mais fácil, ela tem uma... ãhn... sabe? Tipo dá uma vontade de falar que é fácil fazer. E eu-e eu entendo porquê que dá vontade de falar, porque geralmente quem é muito bom faz muito facilmente, aí você vê a pessoa fazendo, aí você fica: “Caraca, é muito fácil” (- risos). E eu entendo, faz sentido todo o cara falar: “Cara, é muito fácil fazer comédia”. É mesmo. Quando você vê alguém muito bom fazendo, você olha e fala: “Ah, é muito fácil”.

(- risos)

Orador B: Mas tecnicamente a comédia também demanda, às vezes, né? Principalmente alguns estilos de comédia me... questões estéticas um pouco menos diminuídas, talvez, assim. Tipo o-o *stand-up comedy*, por exemplo, tecnicamente é uma coisa muito simples, porque é um microfone, talvez, nem um microfone, mas é, tipo, é uma pessoa em pé e não tem figurino, não tem cenário, sabe? Tipo, não tem muitas coisas, é meio que só você ali. E aí fica meio que esse lugar, a comédia é você e você vai falar de piada que aconteceram com você. Só que tecnicamente, André, a gente até pode pedir para você colocar, é muito comum no estudo de comédia os professores, as professoras, eu já escutei isso várias vezes... é... tentar pessoalizar a ideia. Então você vai contar a piada, em vez de você contar uma piada que é: “O Antônio entrou no avião e não sei o quê”, você transmuta aquilo para tipo: “Teve

uma vez que eu fui viajar e aí eu...”. Tipo, porque aí a plateia... mesmo não sendo verdade, a plateia, de alguma forma, sabe: “Beleza. Essa história, ele tá falando porque ele sabe e eu tô nesse lugar, tipo, eu confio no que ele falou porque ele viveu aquilo e não é ele falando do outro”. E aí por isso que eu queria chamar atenção para esse-para esse *stand-up* que é ruim, o *stand-up* ruim, que a gente não vai ficar falando muito, porque ficar chutando cachorro morto é coisa cruel, né? Tipo, que eu quero que esse povo se ferre e se foda. Mas, na verdade, existe um... uma questão que é fácil cair nesse lugar que a Ana falou, tipo, sendo homem branco, hétero, (inint) [01:22:24] e rico é fácil eu subir no palco sem precisar de nenhuma demanda estética, sem domínio de microfone, sem domínio de porra nenhuma, chego lá e começo a falar mal de, sei lá, de gente X, gente Y, isso, aquilo. É fácil esse lugar. E não significa que não é engraçado, porque vai ter gente que vai rir, inclusive, cara, vai ter gente que vai rir mesmo, vai ter, tipo, vai ter, infelizmente vai ter. Mas é muito simples, então assim, esses... essa... esse *stand-up* zoadado, eu acho ele... o *standu-up* é bom quando é-é isso, quando eu consigo perceber que a pessoa tá, tipo, a Nanette, a Nanette... é maravilhoso esse-esse-esse coisa. Porque, na verdade, você ri dela, você chora com ela ao mesmo tempo, mas é porque você ri dela, não é o que ela fala, é tipo é ela falando, não adianta eu pegar aquele texto e eu for lá fazer tudo, não-não funciona, porque é ela. E aí, talvez, seja isso que eu falei lá do início, tipo, se expor a esse lugar, é tipo assim tem a ver você se expor, mas não é você se destruir, mas é ser individual. E aí a minha pergunta é, André: você consegue associar, você acha isso que, apesar do humor ser uma parada absolutamente coletiva ou, tipo, isso que a gente discutiu esse tempo todo que é uma parada que nos une, que, né, o humor é uma parada coletiva, social e nos ajudou a sair do... a lutar contra os neandertais (- risos), né? O *stand-up comedy* que a gente fez com os neandertais a gente conseguiu deixar eles humilhados e aí eles ficaram sem conseguir correr e a gente conseguiu comer, como a gente sabe.

(- risos)

Orador B: Você acha que, apesar dessa coletividade, o humor é uma coisa completamente e psicologicamente individual? Tipo, cada um ri exclusivamente de uma única coisa?

(- riso)

Orador B: Pergunta (- risos).

Orador C: É...

Orador B: Ou qualquer outra resposta que você queira dar também, porque a minha pergunta não tem resposta, então, qualquer coisa que você queira falar tá bom.

Orador C: Tem uma relação de individuali-individualização, mas que tem um componente cultural que é bastante forte e-e há uma diferença, né? E principalmente nesse exemplo que você deu da... do *stand-up*, que o ca... ãhn... é diferente o cara ir lá e contar uma piada que aconteceu com o Joãozinho, que é um personagem fictício e é diferente dele falar de si, né? Que ele tá ali...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... ele está exposto e ele tá falando de coisas que aconteceram com ele e ele tá contando isso de uma forma para gerar a risada, né? E-e para contar aquilo de uma forma que... é... tô bem, passei, enfim, e foi isso que aconteceu e... é... estou feliz e vocês estão felizes comigo, basicamente é isso. E mesmo nessa-nessa exposição, por mais pessoalizada e individualizada que seja, ela também é coletiva, né? É do tipo: “Estou contando algo que aconteceu comigo, poderia acontecer com você ou, talvez, é... você ache engraçado”. É... também têm relações assim, ah, de como é que foi resolvido isso ou qual foi a resolução inesperada que aconteceu. Porque a-a contagem de histórias, a narrativa, ela tem muito essa questão do transmitir saberes e aprendizagens e conhecimentos e coisas que eu posso fazer em situações similares no futuro. E aí assim como... que é a outra pergunta, né? Que era o que é o riso, se é que-se é que a gente pode falar nisso.

Orador B: Uhum.

Orador C: É... o comportamento humano é algo extremamente complexo e não porque ele seja produzido por alguma instância que a gente não tem acesso, não é por isso que ele é complexo.

(- risos)

Orador C: Mas principalmente porque cada ocorrência, ela é muito única. Tanto que quando... é... a gente tecnicamente, a gente não fala aqui de comportamento como se fosse

uma coisa igual para todos, mas a gente fala de classes de comportamento. Porque compartilham semelhanças, mas não significa que sejam iguais. Então a gente vai tá falando aí, por exemplo... é... de riso, cada vez que eu rio de alguma coisa é uma nova vez que eu rio de alguma coisa e há elementos dessa risada que é única, que é daquela única ocorrência. O que a gente faz e o que a gente tenta fazer, talvez, enquanto comediante ou contador de piada, né, ou o tio do pavê, é a gente tentar reproduzir aquele resultado que aconteceu quando a gente contou a piada, como a Ana Flávia colocou, né? (- riso) Ele contou uma piada em mil, novecentos e setenta e oito, foi engraçado, as pessoas riram, teve aquela comemoração e aí eu quero reproduzir isso e aí, então, eu conto a mesma piada.

(- risos)

Orador C: Mas... é... nem sempre isso é o suficiente, né? Ou isso... e, depois... é... a própria repetição passa a ser a piada, né? E tanto que... é... a-a gente começa a brincar, hoje em dia, a piada do pavê, né? É outro tipo de... a gente não tá rindo porque “para ver o para comer” é engraçado, é porque a gente tem uma relação com essa piada que toca em espaços que daí nos fazem rir ou que, né, são cômicos de alguma forma.

Orador B: (É que nem) [01:27:00] voltar para a Grécia Antiga do Dragões de Garagem, porque eles não conseguem não falar mais, né?

Orador D: Porque o Pepino contou, né? O Pepino.

Orador B: É. Ou o Pepino.

(- risos)

Orador B: Essa é a piada, eu não consigo não falar. Hã. Fala.

Orador C: E-e a-a questão da-da Grécia Antiga também, até quando a (- risos) Ana Flávia tava falando dos humores, eu quase me arrisquei a voltar à Grécia Antiga.

(- risos)

Orador C: Porque achei muito legal, porque-porque tem essa relação, né? Hoje em dia, a gente pode falar disso de forma metafórica, mas em dado momento da história isso era a

ciência, né? Tipo se falava dessa relação de que existiam reações diferentes, porque existia esse fluxo de humores e aí justamente o humor vem desses líquidos, né? Dessas coisas que transitam dentro da gente e era explicado por isso. Então porquê que eles tinham essa visão? Porque a pessoa ficava ruborizada, então, o sangue, ele corria para algum lugar e daí tem essas relações. Até hoje ainda se fala, né, de emoção vinda do peito, quando, na verdade, né, o cérebro que, na verdade, tá sentindo, tá interpretando e fazendo tudo isso. Só que onde eu sinto, né? O quê que muda dentro do meu corpo? Fisiologicamente é o coração que acelera, é a respiração que falta, é-é outras... é a mão que fica fria. Então quando a gente tá falando de emoções e de... né? Que tinha a ver, então, humores se referiu por muito tempo a emoções e aí, hoje em dia... é... no dia a dia, a gente acaba se referindo a humor como algo que seja engraçado, então, há todos esses (inint) [01:28:23] (- música sobrepondo) até de ciência que vão mudando a forma como a gente entende e interpreta. E aí, hoje, a gente pode falar nessa relação da... do trânsito da bílis, do-do sangue, de uma forma metafórica, mas que também tem uma relação fisiológica, né? Quando a gente sente alguma coisa, a gen... o nosso organismo muda e...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... e é por isso que a gente tem pouco controle sobre e a gente aprende a lidar, mas a gente não necessariamente controle. E isso que a gente tava falando também na questão do-do riso, né? Então pense nisso, é de-dessa relação que é muito... é-é individual, mas é coletiva... é... (- risos)... é...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... têm relações com a minha história, mas eu também não estou... enquanto a minha história, ela tá pre... dentro de uma cultura maior que é social e que é compartilhada. Então... é... têm as... os dois lugares, claro que vai ter partes da minha história que vão fazer eu rir de uma coisa específica, mas, em geral, né, a gente tem elementos culturais que são bastante desenhados e que pro-produzem humor. E...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... até quando a Ana Flávia falou da Nanette, eu achei maravilhoso, porque ela faz isso, né? Ela-ela fala disso também, da construção, né? E de como que a gente desenha essa

piada considerando... é... essas características sociais e culturais que estão também passando ali por aquilo que está sendo dito. É... então tem-tem tudo isso, né, na piada (- risos). Tem essa relação da denúncia política, tem essa relação do compartilhamento de informações, da criação de... dessa relação muito íntima. É... e-e tem também a-a questão do-do ver o que é diferente e o que é igual, porque a gente quando fala muito dessa questão de socialização, de criação de grupo, a gente sempre pensa numa coisa muito acolhedora, que a gente junta as pessoas e tudo mais. Mas formação de grupos e de seres humanos, ela implica em eu reconhecer quem é igual e-e por consequência conhecer quem é diferente. Então tem essa...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... questão de e-equalizar e diferenciar e o diferente é, né, justamente de fora, ele não deve ser incluído e aí por isso também é ridicularizado. E aí tem esses outros problemas que foram passados, eu acho que a gente passou muito de raspão assim... ãhn... nessas relações do-dos gêneros, das vivências de gênero especificamente, como foi abordado na relação da Nanette, das questões de raça e de cor. É... que quando o homem branco se apodera disso e fala é porque tem essa relação cultural, social, eurocêntrica, de que o homem branco é o homem padrão, né? É a pessoa padrão. E... é... e aí por ser a pessoa padrão, ela pode falar de tudo. E aí agora a gente...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... felizmente disse: “Não. Não é assim (- riso). Não pode falar de tudo, você não tem esse lugar”.

Orador B: Uhum.

Orador C: E eu acho que quando a gente pensa nessa relação do riso... ãhn... e até... ãhn... da... do inverter isso, como o Hugo falou, de a gente agora faz piada do homem branco e-e das várias neuras que existem no homem branco, porque existem (- risos). É-é também uma forma também de a gente inverter isso, porque é reparação histórica, mas é também porque agora isso faz sentido, né? No contexto que a gente tá, na construção...

Orador B: Hã.

Orador C: ... que a gente tem de relação de sociedade... é... agora isso começa a ser engraçado e faz sentido e-e é humor... ähn... e, talvez, eles não estejam gostando, por isso essa reação de *backlash* (- risos), né, toda, de-de ele... de eleições bizarras. Mas...

Orador B: Uhum.

Orador C: ... que é importante.

Orador B: É muito-é muito doido, né, esse lance assim, tipo... bom, enfim, a gente falou de todas essas questões, é muita coisa, esse é um programa parte um, tipo, a gente precisa de parte dois.

(- sobreposição de vozes) [01:32:18]

Orador D: André, André, André, você é uma luz, cara.

(- risos)

Orador D: (inint) [01:32:23].

Orador B: Tá vendo porquê que a gente...

Orador D: Desculpa, Gustavo. Mas...

Orador B: Não, tudo bem (- risos).

Orador D: ... eu tive que falar. Realmente precisa de parte dois.

Orador B: Sim, lógico.

Orador D: Porque a gente... putz...

(- risos)

Orador D: ... (inint) [01:32:31] assim.

Orador B: É muita coisa.

Orador D: É-é muito rico, para mim, foi aqui uma aula.

Orador B: É.

Orador D: É... a gente ouvindo e-e também con-conseguindo vislumbrar...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... esse olhar... é... esse outro olhar, né, sobre... que-que afeta tanto o nosso fazer, né?

Orador B: Sim.

Orador D: É tão curioso. Eu realmente estou votando para o programa parte dois.

Orador B: É. E a gente como replicador de... até de discursos, né, é... cênicos, né? Porque é o que o Trabalho de Mesa se propõe a fazer é ser, tipo, um lugar de discussão com-com os fazeres cênicos que existem, né? É importante. E também porque tem muita gente nova que começa a estudar com a gente ou usa a gente como referência também. Então é importante a gente deixar claro assim, sabe? Não é... a gente não consegue fazer um programa de riso e dizer o que é o riso no final e falar que riso é fazer piada de si mesmo ou riso é fazer piada do guarda, ponto. Não, não é. Não-não dá para fazer isso, né? A gente não tem essa irresponsabilidade. Embora, a gente possa... é... eventualmente arranhar esses lugares, mas a gente sabe que não-que não é. E eu queria chamar a atenção para uma coisa que a Ana falou e para a gente ir encerrando, que é o lance da... que-que é o que eu co... também comentei lá no início e isso que o André colocou também, então, eu tô tentando fazer uma amálgama de tudo que foi dito. Então se a gente estabelece que existe também esse lugar de que o desconforto ou o perigo somado a uma... um mo... jogado num lugar de conforto ou de alívio e aí você: “Ah... kkkk”, solta isso, né? Se a gente encara que isso possa ser uma-uma boa fórmula de começar a elaborar vale-vale a gente pensar como que a gente elabora as nossas piadas. Se a gente-se a gente intuitivamente, os bons atores, as boas atrizes, as boas palhaças, se elas intuitivamente já fazem isso, elas flertam com o medo e, depois, aliviam. O que provavelmente isso é o que aconteça, né, se você pegar uma boa cena... é... a (inint) [01:34:28], por exemplo... ãhn... boa cena dela ou a Nega mesmo, eu tava pensando, ou até a Ana Flávia, as cenas cômicas que eu me lembro, elas todas estão nesse... mais ou menos, nesse lugar mesmo, tipo de-de gera uma coisa de perigo e, depois, alivia, né? Então é-é uma parada meio intuitiva já mesmo assim, né? Tipo não é que a-a partir de agora a gente

descobriu a fórmula, não, a gente já sabia (- risos).

Orador D: É. Ou o contrário, né, amigo.

Orador B: É. Ou isso.

Orador D: Tá... ãhn... tá no aval, tá seguro...

Orador B: Isso, isso.

Orador D: ... vai passando do ponto, fica arriscado.

Orador B: (- risos) É. Isso.

Orador D: Porque tem isso... é... você falou disso...

Orador B: Claro.

Orador D: ... eu lembrei de uma cena que a Ana... é... que eu e a Nega fazemos com a Ana Flávia.

Orador B: Hã.

Orador D: Ela nossa líder naturalmente, nos colocando em rodem. E aí a gente resolve ajeitar ela, deixar ela muito preparada e aí toda essa construção de mexer no cabelo, ajeitamos isso, né? Começa numa coisa positiva (- risos)...

Orador B: Uhum.

Orador D: ... vai perdendo o-o ponto, vai ficando desmedido até que ela é a escrota, brusca, bota a gente no lugar diante do papel que representa e a gente sai ofendido.

(- risos)

Orador B: É.

Orador D: E a gente só queria ajudar. Então, né, como isso tá presente nas nossas construções, né?

Orador B: É. É uma-é uma parada meio lógica para a gente, né, até.

Oradora E: Eu queria só trazer uma coisa assim que... é... é muito-muito legal assim... é... que é uma derivação de um-de um-de um-de uma parceria de trabalho que eu tenho, que é o do brinquedo com o Gabriel (inint) [01:35:56] e eu sempre usei a palavra “brinquedo” para falar da brincadeira, como várias pessoas usam: “Eu vou brincar hoje. Hoje eu vou brincar. Hoje tem brinquedo”. Isso e tal.

Orador B: Uhum.

Oradora E: E ele foi investigar a palavra brinquedo e tem um desdobramento sobre brinquedo, brinco, vínculo, vinco, vínculo, né? O que se vincula. Brinquedo... é... necessita necessariamente de uma... um compromisso de outra pessoa em brincar, né? É... então é sobre criar vínculos, né? E aí nesse ponto, aí, talvez, esse seja uma-uma-uma coisa para a gente... é... pensar, né? Porque a gente, por enquanto, tá tratando do riso e da produção... é... intelectual desse riso, dos efeitos fisiológicos desse riso, das pautas sociais sobre o riso, né, psicológicos, biológicos e tudo, mas ele-ele também ele é, dentro do viés cênico, ele não... ele absolutamente não está só para o que é feito.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Ele-ele não está para a ação, ele está muito mais para a reação ao que foi feito.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Por isso até a piada do pavê ainda pode ser engraçada se a pessoa conta numa mesa da casa da família, de novo, e tem um silêncio absurdo e as pessoas só olham com cumplicidade, do tipo: “Não acredito que essa piada tá sendo contada de novo”. E isso vem uma graça. Então só para a gente lembrar que... sobre os vínculos.

Orador B: Uhum.

Orador C: Uhum.

Oradora E: Né? E sobre a ação e reação.

Orador C: Uhum.

Orador B: Uhum.

Oradora E: É reação também aquilo que tá sendo feito e a reação sempre pode ser uma crítica ainda sobre a crítica.

Orador C: Uhum.

Orador B: Uhum.

Oradora E: Então é uma-é uma... é um Pi, não tem fim essa... essa lógica (- riso), a gente pode ir trabalhando em cima de reação, nananã, e a coisa inicial já não tem mais a menor importância, era só um *start*. Então só para a gente ainda... é... expandir a perspectiva ainda do-do-dos vínculos no humor, né? Do brincado, de como as pessoas reagem e como a gente reage à reação das pessoas. Aí você tá... você fez uma testagem e mandou uma piada ruim, o público... aí você fala: “É. Realmente essa foi uma merda”. Aí as pessoas: “É. Foi mesmo”.

Orador B: Uhum.

Orador C: Sim.

Oradora E: E aí você começa ali, a-a-a partir do vínculo, construir uma lógica...

Orador C: Uhum.

B Uhum.

Oradora E: ... humorada de relação, né? Em que a reação tá... é... participante.

Orador B: Uhum.

Oradora E: E que não é você (- sobreposição de vozes) [01:38:29].

Orador D: (inint) [01:38:28] salvar a tua abordagem ruim, né?

Orador B: Uhum.

Oradora E: Exato, exato, exato.

Orador B: É. E, às vezes, até uma coisa legal disso, que é o que eu tava colocar lá, é que, às

vezes, esse ponto... é... do-do-do indivíduo ou da exposição ou da... às vezes, até pode tá num lugar que não é classicamente engraçado, pelo contrário, pode até tá num lugar de dor. Aí eu ia citar, como a Nanette, por exemplo, faz, eu acho que a Nanette...

Orador C: Uhum.

Orador B: ... é brilhante nisso, ela pega uma parada que é ruim, que é terrível, que é nojenta, que é asquerosa, que é pesada, que é chata, que é... enfim, que tá no lugar da coisa ruim da vida e ela pega isso como contraponto da comicidade, você não vai rir da... dessa desgraça, você, na verdade, ri desse movimento que ela faz de sair dali e jogar você de volta e sair dali e jogar você de volta, tipo, é essa-essa... como a Ana Flávia tava falando da reação.

Orador C: Uhum.

Orador B: Tem um outro cara também, se você quiser procurar na-na-na Netflix tem o Aziz Assari ou Ansani, que é um americano, filho de indianos, que têm umas piadas que são muito legais, porque ele bota em cima... tem uma que é assim, ele bota em cima da dor, ele fala, que é uma que eu fiquei assim: “Caracas”. Eu fiquei mal assim. E lindo de engraçado, porque ele falou que tava... ah, falando piadas sobre o jantar de família, com a família, ele a família, indiano, lembra que o cara é indiano. Quer dizer, ele é americano, mas os pais são indianos, ele mora nos Estados Unidos, então, rola todo um preconceito, né? Tipo toda a questão social do cara ser indiano, de ser imigrante e tudo mais. E aí ele falando, tipo, que ele tava chegando à conclusão de quanto tempo ele tinha para ver os pais ainda e ele fez o cálculo, ele falou: “Eu vou ver os meus pais...”. Se os pais morrem com X idade, tipo, ele fez o cálculo matemático de quanto tempo ele ainda tem a família viva. Aí ele chegou, tipo, o número de trinta e seis vezes só, sabe? Tipo assim, se eu for ver todo fim de semana, daqui para frente, e tatatã e acontecer isso e viaja e não sei... isso antes da pandemia, sabe? Tipo assim, ele fez o cálculo e aí na hora que ele chegou nesse número, ele fala: “Vocês já se deram conta que, tipo, você vai encontrar essas pessoas só mais quarenta vezes e, depois, você não vai mais encontrar”. E aí, cara, a plateia pesa assim, tipo, aí ele fala, aí, tipo, aí dá vontade de você repensar que todos esses encontros, eles têm que ser um pouco mais importantes, porque... e aí ele, logo em seguida, soca uma piada, sabe? Tipo assim e aí você ri, mas ao mesmo tempo você tá jogado nesse lugar, é brilhante. Porque a piada tá saindo de um lugar que assim você jamais consegue imaginar que é possível fazer piada...

Orador D: Você tá todo cagado, né amigo? E num maiô branco.

Orador B: Isso. E você tá num lugar, tipo: “Caraca, eu nunca mais vou sair daqui”. E ele, tipo, vlap, transforma. E é isso, é um lance de-de-de domínio e de vivência, porque, tipo, é ele falando, não sou eu falando.

Orador C: Uhum.

Orador B: Né? E ao mesmo tempo fala para mim direto, porque... é... é isso, como-como a Nanette também, tipo, fala para mim, parece que ela tá falando de mim, tipo, eu escuto: “Cara, ela tá... ela tá escrevendo isso para mim, ela tá falando sobre a minha vida”. E ao mesmo tempo, eu sei que ela tá falando sobre ela exclusivamente, né? Isso é-isso é uma coisa que o humor ou que a... o riso ou a piada faz esse lance, por isso que eu coloquei do lance da-da individualidade e do coletivo.

Orador C: Uhum.

Orador B: Porque é muito dicotômico, é muito... ãhn... ambíguo, porque a piada, ela tá, às vezes, né, ela tá num lugar que você vai ser absolutamente individual e ao mesmo tempo também coletivo, né? Que é isso que-que a Ana Flávia colocou do-do brinquedo, né? Tipo de-de ser... desse vínculo, né? Então isso é-isso é uma parada muito doida mesmo de você pensar e não é uma coisa comum de se discutir, eu acho, sobre a comicidade, né? Quando a gente discute comicidade em escolas, sei lá, escolas de palhaço, escolas de humor, escola... é... tipo curso de improviso, eu já vi vários cursos de improviso. Cursos de humor, sabe? E a gente não-não vai muito nesse lugar da psique, né? Da... do entendimento mental do que é a piada, sabe? Sei lá, eu falei psique e nem sei se podia falar. Porque, às vezes, o psicólogo tá junto e você não pode falar psique não, sabia? Porque os psicólogos ficam assim: “Não é psique. Porque segundo Freud, já foi... a Melanie Klein já foi... bateu não sei aonde”. Eles vêm com tudo assim na bibliografia, é terrível.

(- risos)

Orador B: Você fala: “Ah a psique da psico...”. E fala subconsciente, que aí eles xingam mesmo, se você falar subconsciente, eles ficam bravos, porque não pode também.

(- risos)

Orador C: O pessoal fica falando coisa que não existe (- risos).

Orador B: Né, cara?

(- risos)

Orador D: Porque ele acha engraçado isso, sabia?

(- risos)

(- música)

Orador B: Bom, gurizada, então é isso, falamos bastante, levantamos várias questões. Lembrando que você sempre pode entrar em contato para a gente saber o quê que você tá pensando, como é que são as coisas para você. A gente segue no projeto, ainda têm alguns episódios para a gente encerrar essa leva da quinta, sexta, quarta ou terceira, eu nem lembro mais que temporada nós estamos. Mas a gente ainda tem alguns episódios para cumprir, para finalizar e, depois, a gente começa uma nova etapa, digamos assim, ou sei lá se a gente continua, né? A gente não sabe nada do que vai acontecer.

(- risos)

Orador B: Espero que você esteja vacinado ou esteja em caminhos de vacinar ou já pensando na vacina, já marcando o seu braço, já pegando o seu álcool gel o seu álcool em-em *padzinho* para botar do ladinho do bracinho para poder fazer, eu não sei se a vacina vai ser no ombro mesmo, deve ser.

Oradora E: Fazendo um alvozinho já.

Orador B: É. Já...

Oradora E: Para deixar bem direitinho...

Orador B: É.

Oradora E: ... facilitado.

Orador B: Espero que isso tudo-tudo esteja bem nesse ano. E lembrando a vocês que a gente precisa que vocês compartilhem esse programa e esse episódio com os seus amigos, com as suas amigas, com as pessoas que você acha que, talvez, funcione ou você quer dar aquele recado que tá (introjetado) [01:43:50] ali dentro, manda, sei lá, faça aí, compartilhe, usa, né? A gente tá aqui para isso, para vocês usarem e abusarem. Certo? Abusar no sentido positivo, tá gente? Se é que existe alguma possibilidade. Então é isso, gurizada.

(- risos)

Oradora E: Agradecer a presença do André, né gente?

Orador B: É, André, valeu aí.

Oradora E: Foi incrível, André. Massa demais.

Orador C: É... eu queria agradecer, de novo, o convite.

Orador D: Sempre muito bom, querido.

Orador C: Eu queria agradecer muito o convite. É... não é assunto especificamente da minha área, porque agora o CNPQ tá-tá dizendo que a gente só pode falar da nossa especialidade, né? Mas enfim.

(- risos)

Orador C: Não pode mais fazer divulgação científica, só... (- risos) só falar da própria pesquisa.

(- risos)

Orador C: É...

Orador B: Ai, ai, ai.

Orador C: Mas... é... eu acho que é muito legal e eu adoro falar sobre teatro, ouvir sobre teatro e ouvir vocês falando. Porque eu tô aqui falando, né, do-do processo de rir e vocês tão falando do processo de gerar o riso e eu acho que esse encontro é bastante interessante, bastante produtivo. É... eu sou consumidor de teatro, esse foi um daqueles processos que...

de formação de público que, talvez, tenha dado certo (- risos). (inint) [01:44:54]...

(- risos)

Orador C: E...

Oradora E: Olha funciona, gente.

Orador B: Tá vendo?

Orador C: E...

Orador B: A famigerada formação de plateia.

Orador C: Formação de plateia.

(- risos)

Orador C: E eu gosto de saber mais e vocês ensinam muita coisa e tá aqui ouvindo, ao mesmo tempo, e sendo perguntado e pen... e repensando algumas coisas da Psicologia a partir do ponto das demandas e preocupações de vocês é bastante interessante.

Orador B: Tá vendo? Pô, isso-isso é que é um encerramento, eu não vou falar mais nada.

Oradora E: Maravilhoso.

Orador B: Eu só vou deixar um beijo.

(- risos)

Orador B: E até mais.

(- música)

Oradora F: O Trabalho de Mesa é uma criação da Ética, equipe teatral com fins artísticos.

Orador A: Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Fim da Transcrição [01:46:21]